



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FE

LUANA TIUSSI DE MENDONÇA

**NAS PÁGINAS DO JORNAL “CORREIO BRAZILIENSE”: OS ESPAÇOS DE
CONTAÇÃO DE HISTÓRIA (DF/2019)**

BRASÍLIA
2019



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FE

LUANA TIUSSI DE MENDONÇA

**NAS PÁGINAS DO JORNAL “CORREIO BRAZILIENSE”: OS ESPAÇOS DE
CONTAÇÃO DE HISTÓRIA (DF/2019)**

Trabalho Final de Curso apresentado à Banca Examinadora da Universidade de Brasília, como requisito parcial e insubstituível para a obtenção do título de Pedagoga.

Orientadora: Profa. Dra. Etienne Baldez

BRASÍLIA
2019

**NAS PÁGINAS DO JORNAL “CORREIO BRAZILIENSE”: OS ESPAÇOS DE
CONTAÇÃO DE HISTÓRIA (DF/2019)**

Trabalho Final de Curso apresentado à
Banca Examinadora da Universidade de
Brasília, como requisito parcial e
insubstituível para a obtenção do título de
Pedagoga.

Orientadora: Profa. Dra. Etienne Baldez

Aprovado em:

Prof.^a. Dra. Etienne Baldez Louzada Barbosa – FE/UnB
Orientadora

Prof.^a. Dra. Liliane Campos Machado – FE/UnB
Examinadora

Prof.^a. Dra. Ireuda da Costa Mourão – FE/UnB
Examinadora

Prof. Dr. Juarez José Tuchinski dos Anjos – FE/UnB
Suplente

Dedico esse trabalho a minha família, por me apoiar e acreditar em minhas conquistas; ao meu noivo pelo incentivo e a mim, por nunca ter desistido.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por estar ao meu lado ao longo dessa caminhada, por ter me dado força e esperança para não desistir, por ter me dado fé para continuar, por ter feito dar certo em Seu tempo.

À minha mãe, Karen, que sempre esteve ao meu lado me ajudando a tomar decisões, por me criar, me apoiar, me incentivar e dar suporte, por ter me dado toda a estrutura necessária para chegar aonde cheguei e me fazer acreditar que eu sempre posso alcançar meus sonhos.

Aos meus familiares que, mesmo de longe, ajudavam com frases motivadoras, palavras de conforto e incentivo. Ao meu irmão e as minhas irmãs, por compreenderem a importância desse trabalho para mim.

Ao meu noivo, Júnior, por ter percorrido toda a jornada da graduação ao meu lado, por me dar apoio, por ter paciência com o meu tempo dedicado aos estudos, por me incentivar, por ter sido um braço a mais em tudo que precisei.

A minha orientadora Etienne, que em meio às dificuldades, me recebeu de braços abertos, disposta a encarar o desafio, por ter me dado todas as condições possíveis para que eu pudesse me formar.

“Educar é... contar histórias. Contar histórias
é transformar a vida na brincadeira mais
séria da sociedade”
(Augusto Cury).

RESUMO

Durante a vivência em uma instituição privada de Educação Infantil, ao longo dos últimos três anos, foi possível observar os momentos em que as professoras lançavam mão da literatura infantil, junto às crianças. Em paralelo, as discussões nas disciplinas do curso de Pedagogia, da Universidade de Brasília, oportunizaram um diálogo com as práticas de contação de história. Do cotejamento entre a formação acadêmica e a prática profissional surgiu a pergunta que deu origem a este trabalho: que lugares compõem como espaços de contação de história no Distrito Federal, pelas páginas do jornal *Correio Braziliense*? Na busca pela resposta, fundamentou-se as discussões teóricas nos estudos de Abramovich (1995), Ostetto (2016), Coelho (1999) e Busatto (2012), por permitirem uma contextualização histórica sobre o tema, bem como o vislumbre do papel que o professor desenvolve e as técnicas e recursos que auxiliam na contação de história. A pesquisa considera a discussão legal sobre a prática docente à luz da contação de história e utiliza o acervo da Biblioteca Nacional, em específico a Hemeroteca Digital, na consulta do jornal *Correio Braziliense*, onde os principais locais identificados foram os shoppings, Pátio Brasil Shopping, Boulevard Shopping e Terraço Shopping. No esforço de elucidar um pouco mais a relação entre educadores e a contação de história, foi aplicada uma entrevista com professoras de uma instituição privada de Educação Infantil.

Palavras-chave: Contação de Histórias. Espaços Formais e Informais de Educação. *Correio Braziliense*.

ABSTRACT

During the experience in a private early childhood education institution, over the last three years, it was possible to observe the times when teachers used children's literature with children. At the same time, discussions in the disciplines of the Pedagogy course at the University of Brasilia provided a dialogue with storytelling practices. From the comparison between academic education and professional practice, emerged the question that originated this work: which places appear as spaces for storytelling in the Federal District, through the pages of the newspaper *Correio Braziliense*? In the search for the answer, we based on the theoretical discussions in the studies by Abramovich (1995), Ostetto (2016), Coelho (1999) and Busatto (2012), for allowing a historical contextualization on the subject, as well as a glimpse of the role that the teacher develops and techniques and resources that assist in storytelling. The research considers the legal discussion about teaching practice in the light of storytelling and uses the collection of the National Library, specifically the Digital Hemeroteca, in the consultation of the newspaper *Correio Braziliense*. Where the main identified sites were the malls, Pátio Brasil Shopping, Boulevard Shopping and Terraço Shopping. In an effort to further clarify the relationship between educators and storytelling, an interview was conducted with teachers from a private early childhood education institution.

Keywords: Storytelling. Formal and Informal Spaces of Education. *Correio Braziliense*.

LISTA DE SIGLAS

ANPEd – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação.

BNCC – Base Nacional Curricular Comum.

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

CB – Correio Braziliense.

Ceale – Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita.

DCNEI – Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil.

DODF – Diário Oficial do Distrito Federal.

FAC – Fundo de Apoio à Cultura.

GT – Grupo de Trabalho.

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

MEC – Ministério da Educação.

PNBE – Programa Nacional Biblioteca da Escola.

PNE – Plano Nacional de Educação.

PPP – Projeto Político-Pedagógico.

RCNEI – Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil.

UnB – Universidade de Brasília.

LISTA DE QUADROS/GRÁFICOS

Quadro 1: Espaços de Contação de História no Distrito Federal	38
Quadro 2: Histórias e Contadores no Distrito Federal	41
Gráfico 1: Idade das professoras de Educação Infantil	51
Gráfico 2: Contação de Histórias na Formação das Professoras	52
Gráfico 3: Cursos de Formação Continuada Relacionados à Contação de Histórias	53

SUMÁRIO

MEMORIAL.....	13
INTRODUÇÃO.....	17
1. Contação de Histórias: uma prática atemporal.....	22
1.1. Contar e encantar: o papel desempenhado pelo contador/professor.....	27
1.2. Espaços para contação de história: a organização planejada.....	31
2. A Dimensão Social da Contação de Histórias no Distrito Federal.....	35
2.1. Onde as crianças escutam histórias, segundo o <i>Correio Braziliense</i>	37
2.2. Orientação oficial e o momento de escutar história na Educação Infantil.....	46
2.3. A contação de história e a prática docente.....	49
CONCLUSÃO.....	56
REFERÊNCIAS.....	59
APÊNDICE 1 – Questionário.....	64

MEMORIAL

Meu nome é Luana Tiussi de Mendonça, nasci no dia sete de julho de 1995, no hospital São Brás em Brasília. Sou filha da Karen, nascida em Brasília, e do Luiz Gustavo, nascido em Ribeirão Preto. Sou a filha mais velha de quatro irmãos, Luiz Felipe, Rodrigo (por parte de pai), Julia e a Mariana. Morei até os quatro anos de idade na Asa Norte, na casa dos meus avós maternos, depois me mudei para uma chácara, onde moro atualmente, localizada no Lago Oeste. No Ensino Médio, minha mãe cursou o magistério, conhecido como curso preparatório para docência na Educação Infantil e primeiros seguimentos do Ensino Fundamental. Ela trabalhou como professora em duas escolas, sendo uma delas a escola onde trabalho hoje em dia.

Comecei a ir para a escola quando tinha quase dois anos. Nessa época, eu estudava na escola Arvense, uma escola particular, que utilizava o método natural como metodologia de ensino, localizada na 911 norte. Permaneci nesta escola até a quarta série e tive ótimas experiências. Lembro-me dos professores, que me acolheram muito bem. Quando criança era tímida e tinha dificuldade para me socializar, a professora da terceira série fazia dinâmicas que pudessem envolver todo o grupo. A forma como a mobília era organizada também ajudava, pois todos se sentavam em grupos de quatro crianças, fazendo com que houvesse uma maior interação. Em relação aos amigos, tenho lembranças de brincadeiras com o grupo e com alguns deles tenho contato até hoje, por meio de redes sociais.

As turmas da escola tinham poucos alunos, aproximadamente dez por sala. Lembro-me que tinham vários passeios, era uma escola diferente, nós descobríamos as coisas pensando, questionando, uma vivência baseada na prática. O ambiente era bastante lúdico, tinha até aula de biblioteca, que hoje, como estudante de Pedagogia, não ouvi mais falar sobre isso. Era um horário totalmente dedicado à leitura, contação de histórias, teatros e outras atividades. Essa aula foi um dos pontos de partida para que eu escolhesse o tema deste projeto, como uma forma de analisar e refletir sobre a contação de histórias e como ela vem se inserindo no ambiente educativo.

Até a quarta série, os conteúdos eram dados com base nas vivências que tínhamos em sala, por exemplo, aprender sobre plantas indo até o jardim para

investigar sobre os questionamentos. Fazíamos pesquisas, relatórios de fotos, aulas ao ar livre e tinham provas como forma de avaliação. Lembro-me dessa escola como uma época agradável, apesar de que eu não gostava muito de estudar, era um pouco distraída. Até tinha uma professora que falava que eu “vivia no mundo da lua”.

Na quinta série eu mudei de escola, fui para o colégio Sagrada Família, uma escola particular, católica, que utiliza o método tradicional, localizada na 906 Norte. Foi quando ocorreu a mudança de número de professor, de uma professora para todas as matérias para um docente de cada disciplina. Sem contar que era uma escola nova, eu não conhecia ninguém e a forma que os conteúdos eram abordados eram diferentes e, com isso, meu rendimento caiu. Após esse primeiro momento, tudo foi se encaixando e eu me acostumei. Era uma aluna mediana, não ficava de recuperação, mas também não tinha as melhores notas da turma.

No Ensino Médio, ainda estudando no Sagrada Família, o primeiro ano foi o mais difícil para mim, passei por uma época mais rebelde, não estudava, conversava nas aulas, como consequência ficava de recuperação e no fim do ano tive uma reprovação. Permaneci na mesma escola e isso foi o melhor que poderia ter me acontecido. Comecei a me dedicar, a partir daí minhas notas eram ótimas, foi uma etapa de crescimento e amadurecimento. Sempre tive maior interesse pelas matérias de humanas, como Português e História, nas matérias exatas eu apresentava mais dificuldade, precisando de mais treino e exercícios extras. Como a decisão do curso de ensino superior é feita no Ensino Médio, e eu participei das etapas do PAS, começaram a surgir possibilidades, mas eu não tinha uma certeza pela Pedagogia logo no início. Fiz alguns testes vocacionais, escutei experiências de pessoas próximas, todavia, as opções sempre se relacionavam com a área de humanas, Psicologia, Pedagogia, Letras-português e Artes.

Logo depois entrei na Universidade de Brasília, por meio do vestibular, passando na metade do terceiro ano, em julho. Precisei terminar o ensino médio em um supletivo, para poder ingressar na universidade, no curso de Pedagogia. A escolha por esse curso foi feita no final do segundo ano do Ensino Médio, após pesquisar como era o mercado de trabalho, as possibilidades de atuação com a formação, as atribuições dadas às professoras e, também, a remuneração. Uma amiga, já formada na época, me deu incentivo, dicas, contou mais sobre a profissão

e, nesse momento, eu realmente fiz a escolha de fazer o vestibular para ingressar no curso de pedagogia na Universidade de Brasília.

Ao chegar à Universidade de Brasília – UnB, tive uma experiência totalmente nova, muito diversa de tudo que já tinha vivido na escola, e diferente do que imaginei que seria também. A UnB me proporcionou grandes descobertas, aprendi muito. Senti falta de disciplinas que me levassem a prática, têm algumas, mas são poucas. Muita coisa do que sei hoje, foi por meio da teoria que tive aqui, junto com as práticas que os estágios me proporcionaram. Fiz dois estágios remunerados em escolas particulares e os projetos obrigatórios em escola pública. Isso me proporcionou experiências novas e diferentes.

Algumas matérias me guiaram até a escolha de atuar como professora da Educação Infantil, tais como as disciplinas de Educação de Jovens e Adultos, Educação Especial, bem como os projetos relacionados à formação de professores. Dessa forma, vi que não eram as áreas que eu tinha maior interesse. Quando fiz Educação Infantil, Processo de Aprendizagem, Didática Fundamental, Psicologia da Educação, matérias que abordam o desenvolvimento, a linguagem da criança, me aproximei da Educação Infantil. E isso fez da Educação Infantil a minha primeira opção para trabalhar, após a conclusão do meu curso.

Minha primeira experiência se deu em uma escola particular, localizada na 309 Sul. Eu era auxiliar de uma pedagoga no contraturno e trabalhava com crianças entre quatro e sete anos de idade. A instituição educacional não era uma escola regular, o trabalho envolvia atividades extras, como: música, artes, robótica, dança, capoeira e circo. A escola oferecia cuidados básicos, acompanhamento em atividades extras e aulas de reforço, ajudando as crianças no dever de casa. Fiquei em média um ano e meio na instituição.

Na escola pública, localizada na 314 Norte, onde realizei os projetos 4.1 e 4.2, acompanhei as crianças do primeiro ano do ensino fundamental na rotina escolar e foi uma experiência muito boa, na qual consegui aprender bastante com a professora e com a vivência em sala de aula. A maioria dos alunos da instituição educacional morava na Asa Norte, em quadras próximas, e eram filhos de militares.

Atualmente, trabalho em uma escola particular. Comecei como estagiária e depois fui contratada como educadora. A escola é localizada na 608 Norte, é uma creche e pré-escola, que atende crianças de 4 meses até os 5 anos de idade. A

turma que trabalho tem a faixa etária de dois a três anos, aproximadamente. Lá consigo perceber que, desde os primeiros anos de vida, é possível ter estimulação, aprendizado, descoberta de novas possibilidades. A escola também oferece a parte dos cuidados básicos, como alimentação, banho, sono, podemos unir esse cuidado com estímulos, o que ajuda no desenvolvimento na parte motora, cognitiva e social. A escola trabalha com o método natural, no qual a criança é vista como protagonista da escola. Identifico-me bastante com a proposta da escola, pois quando eu estudei nessa mesma faixa etária, a mesma metodologia era utilizada.

Estou concluindo meu curso de Pedagogia agora e foi muito gratificante poder estudar e aprender na Universidade de Brasília. Ao longo desses anos de formação, pude perceber o quanto cada matéria, cada semestre, foi importante. O conhecimento da teoria relacionada à prática nos estágios também foi fundamental para que eu tivesse certeza de que tinha feito a escolha certa. Senti falta de maior prática dentro do curso e pedagogia, dentro das matérias, tais como Ciências, História e Geografia. Aprendi o conteúdo, porém não teve muita prática. Língua Materna e Matemática foram as que eu mais consegui relacionar com a prática, conseqüentemente, aprendi mais.

Pretendo ampliar meus estudos, começando por uma pós-graduação. A área que mais me identifico é a Educação Infantil, pretendo seguir nessa linha, passando por professora e, depois, me especializando para ser orientadora ou coordenadora. Gosto muito do ambiente escolar e da sala de aula. Ainda estou em busca de novas experiências, para que eu tenha certeza de onde quero chegar e de qual objetivo pretendo alcançar.

Na minha concepção, uma pessoa que se forma como pedagoga está em uma busca constante de conhecimento, aprendizagem, renovando os saberes. Na escola, como professora, se tem uma troca constante de conhecimento com as crianças e, partindo desse princípio, não tem como pensar em só o curso de pedagogia como a formação, o professor precisa se atualizar sempre, praticar, ler muito, participar de capacitações e saber que sempre pode ir além.

INTRODUÇÃO

Há três anos que trabalho com crianças pequenas, entre dois e três anos de idade, em uma instituição de Educação Infantil privada. Durante esse período, foi possível perceber a forma que as histórias infantis são trabalhadas, como as crianças respondem à prática desenvolvida e os desdobramentos nas atividades cotidianas. Observava que, mesmo os bebês, prestavam atenção, sentavam e se posicionavam para escutar. O momento de contar uma história despertava o interesse das crianças pela leitura, pelo suporte do texto narrado, proporcionando o desenvolvimento da imaginação, trabalhando o pensar e a concentração. A junção da prática profissional, com o que estudei em Educação Infantil e vivenciei no estágio, me fez repensar os momentos e utilização da contação de história na primeira etapa da educação básica brasileira.

A partir da concepção de Educação Infantil e contação de histórias, que já estavam presentes durante a minha trajetória de chegar a esse tema, surgiu o interesse de aprofundar o meu conhecimento nessa área, visto que já trabalho em uma escola com crianças pequenas e esse tema é fundamental durante a prática do cotidiano. Com isso, também foi possível relacionar os conteúdos pesquisados com os conhecimentos prévios adquiridos ao longo da trajetória na universidade.

A Base Nacional Comum Curricular – BNCC, afirma que a Educação Infantil é o início do processo educacional e, de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases – LDB, art. 29, essa primeira etapa da educação básica tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança, de 0 a 5 anos. A literatura e a poesia comparecem como uma das importantes “manifestações expressivas” das crianças e, dessa forma, devem estar presentes na Educação Infantil (GOBBI, 2010). Com isso, a contação de histórias, realizada muitas vezes pela professora que acompanha determinada turma, aparece como uma prática docente muito utilizada na Educação Infantil.

Para Fábio Medeiros e Taiza Moraes (2015), essa prática é vista como uma arte ancestral que permanece ao longo do tempo, aparece desde a infância e por toda vida, fazendo parte da construção da identidade e da afetividade. Ela consiste na leitura de livros ou interpretação de histórias por meio de outros meios, como os fantoches, a encenação utilizando a criatividade, teatros e a musicalização

(MEDEIROS e MORAES, 2015). Joana Cavalcanti (2002), ainda falando sobre a ancestralidade da contação de histórias, esclarece que:

Tem-se notícia de que as primeiras narrativas constituíam-se em relatos fabulosos sobre a possível história do surgimento do mundo. É certo que esses relatos estavam impregnados de conteúdos voltados para o sobrenatural, o misterioso envolvido na aura do sagrado. [...] para, somente muito tempo depois, transformarem-se em mito e história. (CAVALCANTI, 2002. p. 28).

Fanny Abramovich (1995), ao tratar de literatura infantil, pontua que a contação de histórias desperta a imaginação e a importância para a formação das crianças, sendo pertinente a utilização de algumas técnicas e recursos, tais como: a voz, o ambiente preparado, conhecer a história e o público para quem ela vai ser contada, para que se tenha um melhor proveito desse momento (ABRAMOVICH, 1995, p.21). Na descrição feita pela autora, é possível compreender que o papel daquele que conta uma história acaba por exigir um planejamento e conhecimento de técnicas e recursos para que realmente a contação de histórias seja fundamental no desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem. Edvânia Rodrigues (2005) reforça que:

A contação de histórias é atividade própria de incentivo à imaginação e o trânsito entre o fictício e o real. Ao preparar uma história para ser contada, tomamos a experiência do narrador e de cada personagem como nossa e ampliamos nossa experiência vivencial por meio da narrativa do autor. Os fatos, as cenas e os contextos são do plano do imaginário, mas os sentimentos e as emoções transcendem a ficção e se materializam na vida real. (RODRIGUES, 2005, p. 4).

Por sua vez, Maria Alice Faria (2010), demarca a existência de três níveis de leitura: o tato (que vem do prazer mesmo de tocar o papel, as figuras, as próprias formas ortográficas, etc.), o emocional (onde se interacionam a fantasia e a liberdade das emoções, bem como os efeitos provocados naqueles que com elas têm contato) e o racional (ligado ao plano intelectual da leitura do código). Seguindo o explicitado pela autora, a criança que tem contato com a contação de histórias, tem a possibilidade de desenvolver todos os níveis de leitura descritos e, com isso, desenvolve uma atitude interpretativa mais apurada, pois participa de problematizações e experimentações durante e após escutar a leitura (FARIA, 2010). Em suas palavras:

[...] o texto literário é polissêmico, pois sua leitura provoca no leitor reações diversas, que vão do prazer emocional ao intelectual. Além de simplesmente fornecer informação sobre diferentes temas - históricos, sociais, existenciais e éticos, por exemplo -, eles também oferecem vários outros tipos de satisfação ao leitor: adquirir conhecimentos variados, viver situações existenciais, entrar em contato com novas ideias, etc. (FARIA, 2010, p. 12).

Se relembrássemos os momentos em que estivemos no lugar de quem escuta uma história ser contada por alguém, que tem domínio do enredo, provavelmente seria uníssona a nossa concordância de que, no período de contação, cria-se um elo entre narrador e ouvinte, experimenta-se emoções, exercita-se a imaginação. E, novamente, o papel de promoção de todo esse processo, cabe àquele que prepara a contação de história de modo que o leitor/ouvinte se sinta convidado a conhecer todo o percurso, se permitindo imaginar e criar uma relação de confiança. Como reforça Joana Cavalcanti (2002), “contar história é confirmar um compromisso que vem de longe e por isso, atividades relacionadas às contações de história devem ser desenvolvidas com muito critério” (CAVALCANTI, 2002, p.83).

Como será possível constatar durante a leitura do presente estudo, a contação de histórias é um tema que, mesmo tendo muitas pesquisas sobre, ainda não se esgotou nas investigações que dele podem ser feitas, principalmente quando se trata da Educação Infantil. Todavia, para além do espaço escolar, a contação de histórias vem aparecendo em outros locais. Essa afirmação se dá pelo acompanhamento das publicações do jornal *Correio Braziliense*, que circula no Distrito Federal. Em uma rápida leitura, é possível localizar espaços e momentos específicos para a realização de contação de história, tais como: clubes, associações, shoppings, eventos diversos, bibliotecas etc.

Diante da pesquisa inicial sobre contação de história e da relação que o tema tem com a minha atuação profissional, surgiu a questão que deu origem a este estudo: *quais são os lugares de contação de histórias no Distrito Federal, considerando a indicação feita nas páginas do jornal Correio Braziliense?* A escolha pelo jornal vai ao encontro com o demarcado pela historiografia sobre o uso de periódicos, revistas, impressos etc., como fonte de pesquisa: não devem ser considerados como testemunhos reais e verídicos de fatos, mas contribuem para

uma interpretação histórica sobre o mesmo, devendo, para tanto, ser questionados pelo pesquisador. As historiadoras Ana Luiza Martins e Tânia Regina de Luca (2008) salientam a pertinência de se voltar para os jornais e buscar entendê-los não somente como uma fonte de reconstrução do passado, e sim como agentes que se envolvem diretamente no processo de configuração da história de um país:

A nação brasileira nasce e cresce com a imprensa. Uma explica a outra. Amadurecem juntas. Os primeiros periódicos iriam assistir a transformação da Colônia em Império e participar intensamente do processo. A imprensa é, a um só tempo, objeto e sujeito da história brasileira. (MARTINS; LUCA, 2008, p. 08).

Antes das autoras brasileiras, o historiador Robert Darnton (1990) salienta essa configuração de um papel ativo dos jornais e periódicos. Segundo ele, “os sistemas de comunicação têm uma história, ainda que raramente os historiadores a estudem” (DARNTON, 1990, p.16). O autor se refere, em específico, ao contexto francês, ressaltando que os meios de comunicação tiveram o poder de moldar fatos durante a cobertura que foi feita no momento da Revolução Francesa. No entanto, é possível também acompanhar um jornal brasileiro, local, com o olhar voltado para a percepção de uma história que por ele seja representada em suas páginas.

Voltando então para a questão aqui anunciada, o *objetivo geral* foi localizar os lugares apontados como específicos para a contação de história no Distrito Federal, por meio da leitura do jornal Correio Braziliense. Para alcançá-lo, o trabalho se dividiu em quatro *objetivos específicos*: 1. Analisar a bibliografia sobre contação de história para a criança pequena e os espaços que ela acontece; 2. Identificar a configuração da contação de história no Distrito Federal; 3. Listar as obras e os contadores de história no Distrito Federal; 4. Por meio de um questionário, identificar como as professoras da Educação infantil, de uma instituição particular, tem acesso a contação de história. Para tanto, a fundamentação teórica apoiou-se em Abramovich (1995), Ostetto (2016), Coelho (1999) e Busatto (2012), ao refletir sobre o ato de contar histórias, seus conceitos, as técnicas e recursos que são utilizados nessa prática, bem como o papel do professor como contador de histórias.

Este estudo tem como delimitação temporal a última década, após a publicação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil – DCNEI, de 2010, por entender que essa normatização, de caráter mandatório, redireciona o

olhar de todos os envolvidos com a primeira etapa da educação básica para as práticas exercidas, tais como a participação na organização e gestão de sistemas e instituições de ensino, que engloba o planejamento, execução, coordenação, acompanhamento e avaliação de projetos.

Destaca-se que este trabalho, se dividiu em dois caminhos, o primeiro de cunho bibliográfico e documental, se voltou para os estudos sobre a contação de histórias como prática na educação infantil, investigando três acervos: o banco de teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, as reuniões anuais do Grupo de Trabalho Educação da Criança de 0 a 6 anos – GT 07, da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – ANPEd e os Trabalhos de Conclusão de Cursos e Monografias do curso de Pedagogia da UnB, disponibilizados pela Biblioteca Central da Universidade de Brasília. Fora o levantamento do referencial bibliográfico sobre contação de história na Educação Infantil, tendo como recorte o Distrito Federal, a pesquisa se voltou para a última década do jornal *Correio Braziliense*, disponibilizado pela Biblioteca Nacional, em sítio conhecido como Hemeroteca Digital.

O segundo caminho da metodologia, foi pelo instrumento de uma pesquisa de campo estruturada, feita a partir de um roteiro de coleta de dados, o questionário aplicado a quatorze professoras de uma instituição de ensino da rede privada, que proporcionou uma maior aproximação do conteúdo com a prática na Educação infantil.

Marina Marconi e Eva Lakatos (2010) abordam a pesquisa bibliográfica como o levantamento de toda bibliográfica já publicada, em forma de livros, revistas, imprensa escrita e publicações avulsas. A intenção é fazer com que o pesquisador possa ter contato direto com todo o material escrito sobre determinado assunto, auxiliando na análise de pesquisas ou na manipulação de suas informações (MARCONI, LAKATOS, 2010). Pode-se dizer que a pesquisa bibliográfica é o primeiro passo de toda a pesquisa científica. Segundo Antônio Carlos Gil (2007) a pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de todo material já elaborado, construído principalmente de livros e artigos científicos (GIL, 2007).

Mediante o apresentado até agora, este trabalho se divide em dois capítulos. No primeiro, intitulado *Contação de histórias: uma prática atemporal*, a intenção é compreender a configuração histórica dessa prática e como sua ocorrência foi

legitimada na ação docente brasileira, em específico na Educação Infantil, nesses últimos anos. Por sua vez, no segundo capítulo, *A dimensão social da contação de história no Distrito Federal*, o foco se volta para as notícias veiculadas no jornal *Correio Braziliense*, buscando identificar e compreender os lugares de contação de histórias listados.

1. CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: UMA PRÁTICA ATEMPORAL

O presente capítulo, como demarcado anteriormente na introdução, se volta para a contextualização e conceituação do que aqui se entende como contação de história. É possível apontar, pelo conhecimento generalizado que construímos ao longo da vida, que todos, em algum momento, contaram alguma história, sejam elas reais, fictícias, de um livro específico, de uma tradição oral passada por familiares e/ou conhecidos, enfim, não é distante do ser humano a ação de contar algo, ainda que seja oralmente, sem o recurso do material impresso. Entende-se por contação de histórias o ato de poder interpretar uma história e transmiti-la a uma terceira pessoa, seja por meio de um livro lido, ou uma história que foi escutada, um teatro assistido, uma recriação de algo que já existe, ou invenção transformada em história. Nesse sentido, pode-se afirmar que a contação de história se configura como uma prática atemporal. Maria Elisa Grossi escreve o verbete de contação de histórias, no glossário do Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita – Ceale¹, da Universidade Federal de Minas Gerais:

A contação de histórias é uma arte que pode ser desenvolvida por qualquer pessoa que aprecia narrativas, que queira se envolver com elas e que tenha voz e memória. Faz parte da tradição de vários povos desde os mais antigos tempos – narrativas orais são passadas de geração a geração desde o início da humanidade, num movimento incessante de recriação. O contador de histórias cria imagens que ajudam a despertar as sensações e a ativar no ouvinte

¹ Apresentação do glossário Ceale no site: “O Glossário CEALE - termos de Alfabetização, Leitura e Escrita para educadores - que apresentamos, foi definido, a partir de várias possibilidades dicionarizadas, como “conjunto de termos de uma área de conhecimento e seus significados” Por sua função pedagógica, relacionada à atuação do Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (CEALE) na formação inicial e continuada de professores, na pesquisa e na documentação, foi concebido para ser um apoio aos processos de ensino e aprendizagem da alfabetização, leitura e escrita. Os principais destinatários da publicação são os professores da Educação Infantil e dos anos do Ensino Fundamental que estão envolvidos nos processos da alfabetização e do letramento”.

os sentidos: paladar, audição, tato, visão e olfato. Assim, suas narrativas são carregadas de emoção e repletas de elementos significativos, como gestos, ritmo, entonação, expressão facial, silêncios... Esses elementos proporcionam uma interação direta com o público e implicam improvisação e interpretação. Contar uma história é diferente de ler uma história, e na escola há espaço para as duas práticas. (...) A *contação de histórias* é uma dessas experiências que contribuem para a permanência do gosto pela literatura para além da infância. Daí a importância de propiciar à criança oportunidades de ouvir muitas histórias, que podem ser lidas ou contadas de memória. (GROSSI, s/d).

Contar histórias é considerado a mais antiga das artes e as histórias estão presentes na nossa cultura há muito tempo. O hábito de ouvir e de contar histórias tem inúmeros significados, ligados ao desenvolvimento da imaginação, à capacidade de ouvir o outro e de se expressar, hábito de leitura e aos cuidados afetivos. Pode-se apontar o contar histórias como uma arte ancestral, cujo fascínio sobre o ser humano permanece, ao longo do tempo, colaborando para a consolidação do imaginário coletivo e enredando narradores e ouvintes em uma mesma trama. Desde a infância, e por toda vida, ela faz parte da construção da identidade e da afetividade (MEDEIROS e MORAES, 2015, p. 9).

O primeiro caminho que tomaremos aqui será considerar a ligação entre contação de história na Educação Infantil com a própria constituição de uma Literatura Infantil. Para tanto, não iremos retroceder muito no período histórico brasileiro, mas apontar, como o faz Maria do Rosário Mortatti (2011), para uma configuração esparsa da produção, até a década de 1960, “predominantemente vinculadas a ou motivadas por necessidades e pontos de vista educacionais e didático-pedagógicos” (MORTATTI, 2011, p. XVII). A autora ainda lista algumas iniciativas que classificou como contundentes, tais como:

A criação, em 1936, por iniciativa do ministro Gustavo Capanema, da Comissão Nacional de Literatura Infantil; a inclusão gradativa da matéria Literatura Infantil nos Cursos Normais, inicialmente nos estados do Rio de Janeiro, em 1932, e de São Paulo, em 1946; e, na esfera editorial, a publicação, relativa ao tema, do capítulo de um livro de Afrânio Peixoto (1923), dos artigos de Lourenço Filho (1943) e de Fernando de Azevedo (1952), do livro de Cecília Meireles (1949), da bibliografia de Lenyra Fraccaroli (1951), dos manuais de ensino de Antônio d’Ávila (1957) e de Bárbara V. Carvalho (1959). (MORTATTI, 2011, p. XVII).

Não se trata de mapear a constituição de um gênero literário específico para crianças brasileiras, mas sinalizar aqui para um crescimento e “aproveitamento integral dos recursos gráficos na feitura de livros para crianças e conseqüentemente maturidade da nossa literatura infantil”, como descreve Leonardo Arroyo (2011, p. 1). Se temos uma configuração de livros específicos para as crianças, logo, o modo de leitura voltada para elas também se reorganiza. A leitura sai dos espaços familiares e de tradição oral, como os existentes no século XIX entre as famílias da elite brasileira, e tramita nos espaços escolares, por meio da literatura infantil utilizada.

Remontando uma cronologia da literatura infantil e a relação da mesma entre adultos que escrevem para crianças, Leonardo Arroyo (2011) relembra os estudos de Alceu Amoroso Lima, *Estudos Literários*, quando ele defendia a ideia de que o livro deveria ser para a criança “um meio de estimular o instinto vital, povoar-lhe a imaginação, de provocar-lhe a personalidade”; uma ferramenta para “fazer compreender às crianças que a leitura não é um dever mas um prazer; e, por fim, “que a leitura é o mais movimentado, o mais variado, o mais engraçado dos brinquedos” (ARROYO, 2011, p. 37).

Avançando alguns anos, Márcia Silva (2017) faz um levantamento e análise de dissertações e teses defendidas entre os anos de 2008 a 2014, que tiveram como objetivo a leitura literária em instituições de Educação Infantil. A autora inicia seu artigo com alguns questionamentos, que poderiam ser aqui também considerados:

Como se dá a leitura literária na Educação Infantil? A leitura praticada na Educação Infantil requer mediações específicas. Quais? Como fazem os leitores mais experientes para fomentar a leitura nessa etapa da educação básica? Como são os livros destinados a essas crianças? Como a literatura circula na escola e com que objetivos? (SILVA, 2017, p. 01).

Para dar conta das respostas, ela segue três categorias de análise: ambivalência de palavras/discursos, mediações e funções da literatura literária na Educação Infantil e múltiplas linguagens e suportes. Márcia Silva (2017) trabalhou com um número de 3 teses e 20 dissertações, reforçando que 2011 foi o ano com maior número de produção.

Todos os trabalhos apontam para a importância do investimento na qualidade do processo de mediação de leitura. Professoras, bibliotecas, salas de leitura, livros, crianças e pais são indicados

como mediadores, uma vez que, por seu intermédio, acontece o encontro com a literatura, seja através da leitura em voz alta, seja através da contação de histórias sem necessário apoio do livro no ato da contação, seja pelo entrelaçamento de diferentes linguagens, como a do teatro, da música, da dança, entre outras. (SILVA, 2017, p.14).

Na citação anterior, é possível identificar a contação de histórias como um dos momentos de encontro das crianças com a leitura, na instituição de Educação Infantil. Um momento que deve ser agradável, envolver os diferentes tipos de linguagens, contribuir para o desenvolvimento das formas de expressão das crianças e, com isso, permitindo que ela obtenha o suporte necessário para a aquisição de conhecimento. Como conclui Márcia Silva (2017):

A leitura literária praticada entre crianças na Educação Infantil é mediada também pela voz, pelos gestos, ritmos de leitores mais experientes. As formas, sons, cores, ilustrações, texturas, os textos verbais e não verbais compõem algumas das características do texto. A ênfase na metalinguagem, o trabalho artístico com múltiplas linguagens articuladas aos suportes leva à qualidade literária. O encontro entre leitores, adultos e crianças, sobretudo quando respeitados histórica e culturalmente na escola, pode gerar experiências estéticas significativas para a formação humana. (SILVA, 2017, p. 17).

Pode-se explorar também a estimulação da leitura, relacionada à contação de histórias, a literatura infantil é uma forma de incentivar que as crianças tomem gosto pela leitura, alinhando a educação como hábito de ler. Fanny Abramovich (1995) acredita que é ouvindo histórias que se forma um leitor, como aponta: “ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo” (ABRAMOVICH, 1995, p. 16).

Conforme aponta Edvânia Rodrigues (2005), é preciso abordar a importância da leitura e da contação de história no contexto escolar, com a intenção que os pequenos desenvolvam o gosto pela leitura, por meio da prática diária, realizada pelos professores, de contar histórias às crianças. Isso mostra a necessidade e a importância da contação de histórias e a relevância que ela tem na formação das crianças durante a fase da infância (RODRIGUES, 2005).

O segundo caminho que seguiremos é o que considera a contação de história em sua relação com a manutenção e constituição da cultura. Como evidenciado em muitos estudos, a contação de histórias é uma das atividades mais antigas que se tem registro na humanidade. Pode-se dizer que a contação de histórias teve um importante papel no processo evolutivo da humanidade, pois ela é também uma forma de preservar culturas e valores que são passados de geração em geração, e compartilhar conhecimento disso com outros povos. Segundo Malba Tahan (1961) “até os nossos dias, todos os povos civilizados ou não, tem usado a história como veículo de verdades eternas, como meio de conservação de suas tradições, ou da difusão de ideais novas” (TAHAN, 1991, p. 24).

Para Ana Cláudia Ramos (2011), em sua dissertação, a cultura entre os povos aparece relacionada com a leitura e com contação de histórias no sentido da memorização acerca de um assunto:

Ao longo de toda a história da instituição escolar, o ensino da leitura começou voltado à memorização, através de repetições de signos escritos e seus respectivos sons e, apoiado em diferentes vertentes pedagógicas, buscou, na maioria das vezes, transformar os valores e hábitos dos grupos sociais. (RAMOS, 2011, p. 18).

Ramos (2011) ainda traz uma abordagem dos encontros que são feitos entre os narradores, que eram camponeses, navegantes e/ou comerciantes, e os ouvintes, que era a comunidade em geral. Eles criaram um espaço típico para a contação de histórias, distribuídos em um formato de semicírculo, sentados em volta da fogueira, para assim ouvir e trocar conhecimentos. Ainda consegue-se observar como essas histórias refletem nos hábitos e costumes, por meio dos ensinamentos que continham nelas, como Ramos cita abaixo.

Histórias cheias de ensinamentos e conhecimentos que geravam nos ouvintes a curiosidade, e, por vezes, o conforto, a reflexão e a transformação. Os contadores ritualizavam hábitos e costumes de uma comunidade, muitos deles com o intuito de constituir uma base “identitária”, ou seja, compor a subjetividade desse grupo. Esta prática sustentava o equilíbrio do grupo, evitando assim sua desagregação. (RAMOS, 2011, p. 30).

Diante do observado sobre a contação de história, o presente capítulo se subdivide em duas categorias analíticas, de acordo com a ação esperada daquele

que exerce o papel de contador de um determinado livro ou enredo. A primeira categoria é aquela que se relaciona diretamente com a função esperada do professor ou professora que conta uma história. A segunda se volta para a organização dos espaços na Educação Infantil que permitem a contação de histórias.

1.1. Contar e encantar: o papel desempenhado pelo contador/professor

Segundo Fanny Abramovich (1995), é por meio das histórias que são contadas que normalmente ocorre o primeiro contato entre a criança e o texto, apresentados oralmente, seja em um ambiente familiar, por pais e parentes próximos, ou no ambiente escolar, por meio de professores. Isso torna importante o ato de contar histórias no início do processo de aprendizagem (ABRAMOVICH, 1995, p. 16).

Em sua obra, *Contar e Encantar: Pequenos segredos da narrativa*, Cléo Busatto (2012), traz a narrativa da contação de histórias como papel fundamental para a existência da mesma, pois, é a partir da narração que as pessoas podem ouvi-las, e o ouvir favorece a imaginação, a narrativa e o encantamento. Ouvir uma boa história provoca a imaginação, aguça a criatividade, transforma palavras em imagens que são construídas individualmente (BUSATTO. 2012, p. 9).

As características apontadas pelas duas autoras, Abramovich (1995) e Busatto (2012), podem ser consideradas tanto na relação entre professores(as) e crianças, professores(as) e alunos, contadores e crianças/jovens/adultos. O que demarcam é a pertinência da contação de história no processo de aprendizagem, no desenvolvimento da criatividade, no fortalecimento da imaginação e no prazer que dela se desfruta. Tudo isso transpassa as idades e espaços escolares, todavia, tem muita relação com a primeira infância (0 a 6 anos) e, conseqüentemente, com a Educação Infantil (0 a 5 anos).

Não se trata de demarcar as fases de desenvolvimento, taxando a primeira infância como principal, porém, acordar que as relações travadas nessa fase contribuem muito para o desenvolvimento do indivíduo. Nesse sentido, considera-se que “o homem é um ser de natureza social, que tudo o que tem de humano nele provém da sua vida em sociedade, no seio da cultura criada pela humanidade”

(LEONTIEV, 1978, p. 261). Logo, todo o processo de desenvolvimento humano², iniciando desde a tenra infância, é consideravelmente importante na vida de uma pessoa.

Voltando o olhar para o contador de histórias que exerce a função de professor, cabe a ele, primeiramente, a tarefa de conhecer a turma, a faixa etária que será atingida e os interesses do grupo para, a partir disso, explorar os recursos que forem pertinentes para a contação de história que ele irá fazer. É preciso que o professor tenha uma formação literária básica capaz de analisar os livros infantis selecionando o que pode interessar as crianças e decidindo sobre elementos que sejam úteis para a ampliação do seu conhecimento, como recomenda o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil – RCNEI:

A intenção de fazer com que as crianças, desde cedo, apreciem o momento de sentar para ouvir histórias exige que o professor, como leitor, preocupe-se em lê-la com interesse, criando um ambiente agradável e convidativo à escuta atenta, mobilizando a expectativa das crianças, permitindo que elas olhem o texto e as ilustrações enquanto a história é lida. (BRASIL, RCNEI, 1998 p.143).

O ato de contar histórias é próprio do ser humano, e o professor pode apropriar-se dessa característica e transformar a contação em um importantíssimo recurso de formação do leitor. Fazendo desse recurso uma prática pedagógica, que o auxilie didaticamente em suas aulas, além de contribuir com a formação do leitor (PENNAC, 1993, p. 124).

Os momentos de contação de história proporcionam encantamento aos ouvintes e o professor pode aproveitar para inserir ideias relacionadas aos assuntos que estão sendo vistos em sala de aula a nessas histórias, trabalhando o pensar e o agir, além dos assuntos programados no decorrer do ano. Todavia, quando se pensa na contação de história na Educação Infantil, a intenção primeira sempre será o despertar do prazer pela literatura, o encantamento e a permissão incondicional da

² Aqui, ao tratar de desenvolvimento humano, remete-se à uma discussão conceitual da Psicologia do Desenvolvimento que, como contextualiza historicamente Márcia Mota (2005), tem se preocupado com o desenvolvimento harmônico do indivíduo, considerando todas as dimensões do desenvolvimento humano – biológicas, cognitivas, sociais – integradamente. Como reforça a autora, desde a década de 1990, os estudos sobre os paradigmas do desenvolvimento humano vivem uma quarta fase histórica e isso faz com que “cada vez mais o desenvolvimento é estudado ao longo do ciclo vital, ao invés da tradicional ênfase na infância e adolescência”. (MOTA, 2005, p.109).

utilização da imaginação. No desenrolar da história, é preciso despertar a curiosidade e estimular a imaginação, prendendo assim a atenção da criança, como mostra a citação abaixo.

Para que a história realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar a sua curiosidade. Contudo, para enriquecer a sua vida, deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções; estar em harmonia com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam. (BETTELHEIM, 2009, p.11)

A contação de histórias não tem uma regra ou um manual para mostrar como proceder para contar uma história que seja eficaz e significativa. Porém, podem-se usar algumas técnicas e recursos que fazem com que esse momento se torne mais prazeroso e mais rico, didaticamente falando.

Como toda arte, a de contar histórias também possui segredos e técnicas. Sendo uma arte que lida com matéria-prima especialíssima, a palavra, prerrogativa das criaturas humanas, depende, naturalmente, de certa tendência inata, mas pode ser desenvolvida, cultivada, desde que se goste de crianças e se reconheça a importância da história para elas. (COELHO, 1999, p. 9).

Como já mencionado, o professor precisa conhecer as características do público ao qual a contação de histórias será aplicada, para que a partir disso seja feita a escolha da história e do método. A história tem que conversar com a faixa etária dos ouvintes e, dependendo da situação, ainda tem a possibilidade de ser adaptada, para que possa alcançar o nível de compreensão dos ouvintes.

Para contar uma história – seja qual for – é bom saber como se faz. Afinal, nela se descobrem palavras novas, se entra em contato com a música e com a sonoridade das frases, dos nomes. Se capta o ritmo, a cadência do conto, fluindo como uma canção... Ou se brinca com a melodia dos versos, com o acerto das rimas, com o jogo das palavras... Contar histórias é uma arte... e tão linda!!! É ela que equilibra o que é ouvido com o que é sentido, e por isso não é nem remotamente declaração ou teatro... Ela é o uso simples e harmônico da voz. (ABRAMOVICH, 1995, p.18)

Para Fanny Abramovich (1995), é fundamental ter conhecimento prévio sobre a história que vai ser contada. Primeiro é preciso ler, depois entender. Não

tem como contar uma história de qualquer forma. Ao pegar qualquer livro da estante, o contador corre o risco de encontrar palavras inadequadas ou desconhecidas, de forma inesperada, e também de não fazer o uso das pausas adequadamente, o que pode trazer confusão ao ouvinte. Ao conhecer a história é transmitida confiança, motiva a atenção e desperta admiração a quem está escutando. Bethy Coelho (1999) pontua:

Antes de narrar à história deve-se abrir espaço para uma boa conversa. Por exemplo, se a história gira em torno de animais domésticos e começa-se diretamente, os ouvintes poderão interromper dizendo: eu também tenho um gato, um cachorro, um passarinho, o que for. (COELHO, 1999, p.47).

Com isso, a autora fortalece a discussão de que a criança precisa ter um espaço de fala antes da narração. Neste momento, quem está contando a história conhece melhor as crianças e abre uma oportunidade para que eles possam se expressar, acalmando-os e preparando-os para a aventura.

Pausas e intervalos durante esses momentos proporcionam tempo para que a imaginação da criança seja construída e ela consiga acompanhar a história utilizando esse recurso que, quanto mais estimulado, mais suscita o imaginário. Luciana Ostetto (2016) e Fanny Abramovich (1995) apontam a voz como um recurso importante, pois existem várias modalidades e possibilidades de usá-la na contação de histórias. Diferenciar os tons de voz de acordo com o que está acontecendo na história traz mais emoção e veracidade, assim como uma voz mais grossa para um personagem como o lobo mau, ou uma voz mais fina para uma criança.

O envolvimento do contador com a história, sua apropriação e conhecimento do enredo, proporciona o encantamento dos ouvintes, prendendo assim a atenção deles. Por isso as técnicas e os recursos têm extrema importância nesse momento, pois permitem que a história seja aproveitada da melhor forma. Alguns recursos como imagens, sons, instrumentos musicais, materiais alternativos, devem ser utilizados para que o momento seja ainda mais prazeroso.

Pode-se dizer que o livro é o principal instrumento das contações de história, pois a partir deles tem-se acesso ao enredo escrito e, com isso, é possível ler, apropriar-se do conteúdo e conseqüentemente, contar a história. Porém, esse não é o único instrumento a ser utilizado, podendo ser ampliada a contação de história

com alguns recursos, tais como: imagens, sons, instrumentos musicais, materiais alternativos, devem ser utilizados para que o momento seja ainda mais prazeroso. Elisa Ribeiro (2010) destaca ainda que, além dos livros, o professor poderá usar diversos outros recursos para contar histórias, como: teatro de sombras; sucatas e outros objetos, marionetes, máscaras, gravuras, cineminha, retroprojeto.

Os fantoches são um ótimo recurso para dramatizar e dar ênfase na história, onde a própria pessoa que irá contar pode preparar esse material, criando e inventando, por meio de sucatas, meias, palitos, tecidos entre outros meios. Para Walkiria Garcia et al. (2003), não é necessário saber tocar nenhum instrumento. Uma pequena batida num pandeiro pode criar no ouvinte a imagem de uma explosão. Uma mexida no chocalho pode representar uma cobrinha se aproximando, e por aí se pode seguir com a utilização diversificada. Só não se pode exagerar, interromper a contação da história com muito barulho pode cansar e distrair as crianças. Alguns instrumentos que podem ser utilizados durante a hora do conto: violão, reco-reco, triângulo, cocos, caxixi, pandeiro, chocalho.

Em estudo na década de 1960, Malba Tahan (1960) reúne algumas recomendações do que utilizar durante uma narrativa: fazer silêncio, explicar o vocabulário desconhecido, incentivar os alunos a ouvir a história, dizer o título, demonstrar segurança durante a narração, utilizar o recurso da voz para fazer as diferenciações de acordo com a necessidade do enredo, viver os pontos culminantes da história, comunicando com ênfase as partes mais importantes, não interromper a história para dar conselhos ou fazer observações, não antecipar o desfecho e nem explicitar a moral, usar linguagem simples, voz agradável, dominando o enredo da história e todas as suas minúcias (TAHAN, 1960).

1.2. Espaços para contação de história: a organização planejada

Outro aspecto a ser considerado para o sucesso de uma contação de histórias é o ambiente em que ela acontece, preparado, com um espaço físico adequado. Um ambiente harmonioso e aconchegante, sem distrações externas. Um espaço que possibilite o envolvimento das pessoas que estão ouvindo. Mesmo em áreas externas ou locais fechados, o importante é que o local seja confortável, arejado e livre de distrações (BERNARDINO e SOUZA, 2011, p. 244)

Fanny Abramovich (1995, p. 21) destaca que “é bom que quem esteja contando crie todo um clima de envolvimento e encantamento...” e ainda ressalta o momento de iniciar a contação, com a forma em que os ouvintes devem estar organizados para isso.

Antes de começar, é bom pedir que se aproximem, que formem uma roda, para viverem algo especial. Que cada um encontre um jeito gostoso de ficar: sentado, deitado, enroladinho, não importa como... Cada um a seu gosto... E, depois, quando todos estiverem acomodados, aí começar “Era uma vez...” (ABRAMOVICH, 1995, p. 22).

Ana Claudia Ramos (2011) também aponta a roda, ou semicírculo, como um meio para que as crianças fiquem organizadas para a contação de história, desde os tempos mais antigos até os dias atuais, esse meio ainda é utilizado pelos contadores.

Cássia Medel (2014) diz que as salas podem ser organizadas em cantinhos, que ofereça diferentes experiências de aprendizagem para as crianças, levando em consideração que esses espaços sejam significativos para aquele grupo, que contenham a participação deles na organização desse ambiente e também tenham relação com suas necessidades e interesses. A autora descreve o cantinho da leitura no trecho abaixo:

O cantinho da leitura: deverá incluir livros de histórias de papel, de plástico e outros materiais, revistas em quadrinhos, e livros confeccionados pelos próprios alunos e por seus familiares. (MEDEL, 2014, p.17).

Esse ambiente proporciona às crianças que convivem nesse ambiente uma oportunidade para que fiquem mais próximas e tenham mais contato com os livros, em um ambiente acolhedor e preparado para estimulá-las ao prazer da leitura. Tomando de encontro a organização do espaço feita pelo professor ou professora, Miguel Zalbaza (1998) destaca que esta é uma tarefa fundamental, que influencia na forma como o conteúdo ou a mensagem a ser passada chega a seus ouvintes, com um ambiente rico em detalhes e com muitas possibilidades para que as crianças ampliem suas vivências.

Costuma-se dizer que uma das tarefas fundamentais de um professor (...) é saber organizar um ambiente estimulante e possibilitar às

crianças que assistem a essa aula terem inúmeras possibilidades de ação, ampliando assim, as suas vivências de descobrimento e consolidação de experiências de aprendizagens. (ZALBAZA, 1998, p. 53).

Organizar o espaço na Educação Infantil não é apenas pensar em disposições de mobília, objetos e crianças, mais é transmitir uma mensagem sobre o currículo pensado para essa etapa da Educação Básica. Como demonstra Gizele de Souza (2001), em estudo sobre o currículo na educação de crianças pequenas, o espaço é currículo e, nesse sentido, ele traz marcas de discursos, de práticas pedagógicas e é um lugar de poder (SOUZA, 2001). A autora elenca diferentes estudos que já se voltaram para a percepção e reflexão do espaço e reforça que “é interessante pensar que o conceito de espaço é multiforme, se destina a qualificar situações, ambientes, estruturas, distâncias, extensões, lugares” (SOUZA, 2001, p. 4). Nesse sentido, é possível e necessário pensar no espaço em que o acesso à literatura e poesia será feito na sala de convivência, na Educação Infantil, pois ele indicará a importância que esse momento tem na dinâmica daquela instituição.

Maria Carmem Barbosa e Maria da Graça Horn (2001) reforçam a importância de se considerar que a organização do ambiente envolve “gosto, toque, sons e palavras, regras de uso do espaço, luzes e cores, odores, mobílias, equipamentos e ritmos de vida”, sendo pertinente possibilitar às crianças “interações com diversos elementos” (BARBOSA, HORN, 2001, p. 73). Toda descrição feita pelas autoras pode ser tomada como um direcionamento para se pensar na organização do ambiente para a contação de história, uma vez que ele deve permitir essa interação com elementos visuais, sensoriais e concretos. Sobre a organização do espaço e do tempo, as autoras afirmam:

Organizar o cotidiano das crianças da Educação Infantil pressupõe pensar que o estabelecimento de uma sequência básica de atividades diárias é, antes de mais nada, o resultado da leitura que fazemos do nosso grupo de crianças, a partir, principalmente, de suas necessidades. É importante que o educador observe o que as crianças brincam, como estas brincadeiras se desenvolvem, o que mais gostam de fazer, em que espaços preferem ficar, o que lhes chama mais atenção, em que momentos do dia estão mais tranquilos ou mais agitados. Este conhecimento é fundamental para que a estruturação espaço-temporal tenha significado. Ao lado disto, também é importante considerar o contexto sociocultural no qual se

insere e a proposta pedagógica da instituição, que deverão lhe dar suporte. (BARBOSA; HORN, 2001, p. 67).

Pensar o tempo e o espaço para o desenvolvimento das atividades na Educação Infantil é estar atento aos gostos e necessidades infantis. O momento de uma contação de história tem que ser considerado pelo educador ou educadora diante dessa observação das crianças, identificando o horário em que elas estarão mais tranquilas para prestar atenção, os gostos que demonstram para diferentes assuntos, pois isso auxiliará na escolha de uma história que permita o prazer de escutar e a curiosidade. O tempo da contação de história deve ser um momento diferenciado para as crianças.

2. A DIMENSÃO SOCIAL DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NO DISTRITO FEDERAL

O presente capítulo tem como objetivo central identificar que locais e instituições compõem como referência de contação de história no jornal *Correio Braziliense*. Sendo o referido jornal aquele que acompanha a capital federal desde o seu nascimento, 21 de abril de 1960³, circulando até os dias atuais, e que, por ter essa característica, se configura como um meio de comunicação pertinente para observação e análise de temas voltados à educação, pois é possível acompanhar um tema desde a criação de Brasília.

No acompanhamento das formas como as práticas de contação de histórias compõem no jornal *Correio Braziliense*, foi possível identificar que o foco prioritário se voltou para instituições e espaços não escolares. Essa constatação fez com que surgisse outro questionamento durante a pesquisa: se os Jardins de Infância e as Escolas Classe não estão representados como espaços de contação de histórias, prioritariamente, como é possível uma pesquisa acompanhar os desdobramentos dessa prática? Nesse momento do questionamento, o foco se voltou para a normatização curricular existente no Distrito Federal: o Currículo em Movimento.

Ainda pesquisando sobre possíveis desenvolvimentos de contação de história nas instituições de Educação Infantil no Distrito Federal, uma notícia no *Jornal de Brasília* ganhou a nossa atenção, pois mencionava um projeto nos Jardins de Infância que divertia e ensinava crianças por meio das histórias narradas. O nome do mesmo era “Faz tempo que se faz de conta” e era dirigido por Carleuza Farias. De acordo com a autora do projeto, oficinas de contação de histórias foram ministradas por ela aos professores e professoras em junho de 2017, com o objetivo de “multiplicar as técnicas” e que seria necessário um semestre para a aprendizagem delas. A reportagem cita duas instituições: o Centro de Ensino Infantil do Recanto das Emas e a Escola Classe 36, de Ceilândia, que teria sido a última a

³ Segundo verbete escrito por Flávia Biroli, publicado pelo CPDOC: “Primeiro jornal de Brasília, nascido junto com a nova capital federal em 21 de abril de 1960. O jornal retomava o nome do *Correio Braziliense* de Hipólito José da Costa, editado em Londres entre os anos de 1808 e 1822. A edição inaugural somava 108 páginas, a maior parte delas no caderno comemorativo da inauguração da cidade”. (BIROLI, s/d).

receber o projeto, que recebeu incentivo do Fundo de Apoio à Cultura – FAC, da Secretaria da Cultura (JORNAL DE BRASÍLIA, 15/08/2017). A contadora de histórias e autora do projeto explica que:

O projeto nasceu da vontade de resgatar as brincadeiras populares e a contação de histórias. Hoje em dia, o uso da tecnologia afasta as pessoas das brincadeiras populares, das histórias e dos contos. O olhar tem que voltar para essas coisas aconchegantes que fascinam. (JORNAL DE BRASÍLIA, 15/08/2017).

Como pondera Fanny Abramovich (2005), ler histórias para crianças é promover diferentes possibilidades de descoberta do mundo, não somente envolvendo momentos de divertimento e desenvolvimento do imaginário, como também de identificação de algumas ideias para enfrentar questões, para solucionar problemas diversos. Segundo a autora, isso é possível porque, “através dos problemas que vão sendo defrontados, enfrentados (ou não), resolvidos (ou não) pelas personagens de cada história (cada um a seu modo)”, as crianças podem se identificar e criar suas próprias estratégias de solução de conflitos, impasses, etc (ABRAMOVICH, 2005, p.17)

Buscando evidências do projeto que adentrou algumas instituições educativas no Distrito Federal, conforme noticiado pelo *Jornal de Brasília*, acompanhou-se algumas publicações do Diário Oficial do Distrito Federal – DODF, encontrando a Portaria nº 176, de 18/10/2016, da Secretaria de Estado e Cultura, que publicou o resultado final de um chamamento público relacionado à atuações artísticas específicas, cuja comissão deveria selecionar alguns grupos⁴ e, dentre eles, “05 (cinco) grupos de companhias teatrais de Brasília destinados ao público infantil” (BRASÍLIA, DODF,19/10/2016, p.01). Dentre os cinco grupos da terceira

⁴ “Art. 2º Compete a Comissão selecionar: 12 (doze) escritores locais, 08 (oito) grupos/artistas de Brasília para apresentação artística de contação de histórias infantis, 08 (oito) grupos/artistas de Brasília para apresentações artísticas de contação de histórias destinadas ao público jovem, 05 (cinco) grupos de companhias teatrais de Brasília com espetáculos destinados ao público infantil, 05 (cinco) grupos de companhias teatrais de Brasília com espetáculos destinados ao público jovem e 03 (três) grupos/artistas musicais de Brasília que irão compor a programação da III Bienal Brasil do Livro e da Leitura, no Estádio Nacional de Brasília - Mané Garrincha”. (BRASÍLIA, D.O.D.F, 19/10/2016).

modalidade⁵, “Contação de histórias para Arena Infantil”, o projeto “Faz tempo que faz de conta”, de Carleuza Farias Vieira, foi o segundo classificado.

Seguindo o fio do nome da responsável pelo projeto de contação de histórias, nas páginas do jornal *Correio Braziliense*, encontramos outra notícia, em 2013. Dessa vez, o projeto se chamava “Sexta em conto: histórias do arco da velha” e tinha como objetivo visitar bibliotecas diferentes, no Distrito Federal, todas as sextas-feiras, contemplando sete histórias no período de uma tarde. Na chamada da matéria, é publicada a seguinte descrição: “o grupo Paepalanthus revive uma tradição de nossos pais e avós e traz de volta narrativas divertidas e emocionantes” (CORREIO BRAZILIENSE, 27/05/2013). Naquele momento, o grupo Paepalanthus (Sempre-Viva), era formado por Carleuza Farias Vieira e mais cinco contadoras de histórias (DIVIRTA-SE MAIS, 07/12/2013).

Mesmo se voltando para as bibliotecas do Distrito Federal, a incursão do grupo Paepalanthus chama atenção por, já naquele momento, em 2013, atender alunos de escolas brasilienses, como reportado no trecho: “na Biblioteca Pública do Núcleo Bandeirante, as crianças da Escola Classe 1, do Riacho Fundo, assistiram atenciosamente ao espetáculo. Débora Carvalho, de 8 anos, adorou o conto da velha a fiar” (CORREIO BRAZILIENSE, 27/05/2013). Apesar de não ser um projeto direcionado às escolas, o grupo Paepalanthus já atendia os alunos, o que nos permite inferir de onde surge a parceria que verificamos quatro anos depois, com contação de histórias para crianças da Educação Infantil e alunos das Escolas-Classe, bem como formação para docentes.

Com o intuito de apreender indícios sobre a prática docente, relacionada à contação de histórias, um questionário com três perguntas foi elaborado. Com o objetivo de ampliar a reflexão sobre a contação de histórias no Distrito Federal, ainda que por meio da prática de docentes de uma instituição de Educação Infantil privada. As questões foram: se a contação de histórias foi contemplada na sua formação acadêmica, se fez algum curso ou formação continuada sobre e, por fim,

⁵ Os projetos e seus responsáveis foram, por ordem de classificação: 01 Maria Lilia da Silva Diniz Mundo de Mundim - Outras prosas e versos; 02 Carleuza Farias Vieira Faz tempo que faz de conta; 03 Maria Fernanda Peres da Silva Leia, Conte e Imagine; 04 Icléia Rodrigues Maranhã o Ciranda de histórias; 05 Luciellen de Castro Costa Contando e Recontando os novos espaços: A contação de histórias como ferramenta para falar sobre assuntos pertinentes da vida urbana contemporânea. (BRASÍLIA, DODF, 19/10/2016, p.02).

como organiza o momento de contação de história com suas crianças, na Educação Infantil.

Diante desta primeira apresentação, são esses três movimentos de pesquisa – o jornal *Correio Braziliense*, a confrontação com as normatizações do DF e o questionário passado com as professoras de Educação Infantil, que serão analisados no presente capítulo.

2.1. Onde as crianças escutam histórias, segundo o Correio Braziliense

Pode-se perceber que contar uma história não é uma prática exclusiva do ambiente escolar, ela pode acontecer em casa, informalmente por parentes, antes de a criança dormir, durante uma brincadeira, ou até mesmo em locais marcados, como um evento, festas de aniversários, entre outros. Por identificar essa dimensão da contação de histórias que extrapola o ambiente educativo, o olhar se volta para os locais que são representados como espaços para a prática.

A investigação teve um olhar para fora da instituição de Educação Infantil, sobre a possibilidade de ter outros lugares de contação de histórias, como isso se configura no Distrito Federal e como seria a indicação para esses espaços. Por meio da ferramenta de pesquisa do jornal *Correio Braziliense*, foi possível identificar as indicações desses locais externos onde a contação aparece. A busca foi realizada com um recorte temporal de 2010 a 2019, porém a disponibilização do jornal na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional é até o ano de 2014. Após esse período, a pesquisa contemplou o sítio eletrônico do próprio jornal. Diante disso, conseguimos ver a forma com que a contação de histórias vem sendo abordada, ao longo desses anos, fora do ambiente escolar.

Existem trinta e três locais, ao longo da última década, que aparecem nas páginas do jornal *Correio Braziliense* como espaços de contação de histórias. É pertinente informar que a palavra-chave utilizada para realização da busca foi “contação de histórias”. Com esse termo, foi possível a localização de 391 ocorrências no jornal relacionadas à prática de contação de histórias. Sobre essas notícias, é possível indicar que muitas se repetem, pois existem anúncios de um mesmo evento publicados mais de uma vez, ao longo de determinados períodos que

precedem os acontecimentos noticiados. O quadro a seguir permite a visualização rápida desses espaços e o ano de maior representatividade no jornal:

Quadro 1: Espaços de Contação de História no DF

Espaços	Ano
Livraria Cultura Shopping CasaPark	2010 e 2014
Pátio Brasil Shopping	2010, 2011, 2012, 2013 e 2014
Biblioteca Demonstrativa de Brasília - BDB 506/507 Sul	2010, 2012 e 2013
Livraria Saraiva Pátio Brasil Shopping	2010
Boulevard Shopping	2010, 2011, 2012 e 2014
Feira do Livro - Pavilhão de exposições do Parque da Cidade	2010, 2011 e 2012
Brasília Shopping	2011 e 2013
Esplanada dos Ministérios – Aniversário de Brasília	2011 e 2013
Biblioteca Nacional de Brasília	2011
Terraço Shopping	2011, 2013 e 2014
Fnac ParkShopping	2011, 2013 e 2014
Centro Cultural Banco do Brasil	2011, 2013 e 2014
Espaço Bamboler Park Way	2012
1ª Bienal Brasil do Livro e Leitura	2012
Teatro Mapati – 707 Norte	2012
Livraria Cultura Shopping Iguatemi	2012
Alameda Shopping	2012 e 2014
Teatro Nacional/ Setor Cultural Norte	2012
Teatro Arena Escola Parque 313/314	2012
Shopping Conjunto Nacional	2013 e 2014
Taguatinga Shopping - 1ª Feira Literária do Distrito Federal	2013
Centro Administrativo do Taguaparque	2013
Sesi Taguatinga	2013
Escola Parque 307/308 Sul	2013 e 2014
Instituto Cervantes SEPS 707/907	2013
Livraria Cultura ParkShopping	2013
Livraria Com Letras MetrÓpole Shopping	2013
Estação Burlesca 406 Norte	2014

Projeto Biblioteca Viva ⁶	2014
Auditório da Câmara Legislativa	2014
Feira do Jardim Botânico – Lago Sul	2014
ParkShopping	2014
Caixa Cultural	2014

Fonte: Jornal *Correio Braziliense*, 2010 a 2014.

Pode-se afirmar que, durante o período analisado, a grande maioria dos eventos nos locais apontados para a contação de histórias, acontece aos finais de semana, no período vespertino, e são gratuitos. Destaca-se ainda, que o maior número de aparições desses eventos foi em shoppings, destinados ao público infantil, com a classificação indicativa livre.

Os locais encontrados nas páginas do jornal apontam os shoppings como os locais onde mais tem eventos de contação de histórias. O *Pátio Brasil Shopping* foi o local onde mais teve publicações referentes à contação de histórias, com um total de 34 eventos disponíveis. Ainda conseguimos inferir que esse número não é um total exato, pois existem anúncios que retomam projetos, como o *Domingo no Pátio*, que por vezes, conta com um anúncio que vale para um maior período.

O *Terraço Shopping* ficou em segundo lugar, com 21 publicações que remetem à contação de histórias. Esse shopping também oferece uma proposta de projetos, o que leva a um número maior de eventos relacionado às vezes que eles são publicados. Como, por exemplo, o Grupo Matrakaberta, que se apresentou durante todos os domingos do mês de setembro de 2011 e também a contadora Nyedja Gennary, que está presente em grande maioria dos domingos contando histórias.

Em terceiro lugar, o *Boulevard Shopping*, com 15 divulgações marcadas no jornal, que também conta com mais eventos do que publicações, pois nesse shopping destaca-se *A Hora Animada*, que acontece aos sábados, às 16 horas e

⁶ Este projeto se consiste em um Circuito de Contação de Histórias, organizado pela Gerência do Sistema de Bibliotecas Públicas da Secretaria de Cultura (SeCult/DF), com o objetivo de estimular o contato do público infanto-juvenil com o livro, a leitura e a oralidade. As bibliotecas públicas do DF integram um circuito de contação de histórias, com três espetáculos diferentes, até dia 31/05/2014, 22 bibliotecas receberam a visita de contadores. (CORREIO BRAZILIENSE, 03/05/2014).

também uma programação de férias, que envolveram atividades de contação de histórias.

Ao fazer o mapeamento da Hemeroteca, foi possível perceber que alguns contadores, companhias e grupos aparecem por diversas vezes nesses eventos de contação de histórias, como o Grupo Matrakaberta, a Cia. Teatral Néia e Nando, a contadora Nyedja Gennary e o contador Tino Freitas. Esses são, de acordo com a pesquisa feita, os contadores que estão em maior evidência nos espaços externos no Distrito Federal.

Dia 22 de junho de 2010, o *Correio Braziliense* traz a publicação “Contadores de Histórias Encantam Gerações e Incentivam a Cultura”, escrita por Ana Clara Brant. E mostro no trecho abaixo a essência do grupo Matrakaberta.

O músico Marcelo Tibúrcio e a esposa, a pedagoga e professora Adriana de Oliveira Maciel, criaram o grupo Matrakaberta, de Taguatinga, que segue bem a linha tradicional dessa manifestação artística. “Fazemos um trabalho de incentivo à nossa cultura, ao nosso folclore. As crianças conhecem o Mickey, o Tarzan, a Bela Adormecida, mas não sabem quem é o caipora, o saci, a burrinha. Por isso a gente tenta resgatar essa tradição dos nossos avós. O nosso modo de contar é bem próximo do tradicional”, comenta Marcelo. (CORREIO BRAZILIENSE, 22/06/2010).

Alguns locais também reservam esse espaço de contação de histórias para lançamentos de livros com a narração do seu enredo. Como, por exemplo, a Alessandra Pontes Roscoe, com o livro *JK, o lobo-guará*, que a escritora escolheu para falar sobre um animal apaixonado por Brasília. O lançamento aconteceu na livraria Saraiva, do *Pátio Brasil Shopping*, dia 10 de abril de 2010, às 16 horas.

As autoras Ana Claudia Santos e Anilda Souza (2013) pontuam que o ser humano aprende e se desenvolve para além do ambiente escolar, não desmerecendo os espaços formais, mas ponderando sobre a observância de uma educação não formal, que valoriza a formação integral do indivíduo, bem como a sua inserção na comunidade e posição de cidadão no mundo. “Assim, a contação de histórias revela-se como um instrumento comprometido com a formação humana, a fim de contemplar aprendizagens interessantes e significativas num espaço de educação não formal” (SANTOS e SOUZA, 2013, p. 23).

O quadro a seguir aponta o levantamento realizado em relação ao título das histórias que estão sendo contadas e por quem são contadas.

Quadro 2: Histórias e Contadores no DF

Histórias	Contadores
JK, o Lobo-guará	Alessandra Pontes Roscoe
Histórias da Tati	Turma da tia Tati
Soldadinho de Chumbo	—
Cadê o Juízo Menino	Tino Freitas
A Festa do Boi Bumbá	Grupo Matrakaberta
Histórias para Brincar	Pandolfo Bereba
História de Ziraldo sobre a Boneca de Pano	Grupo Amigos das Histórias
A Velha Debaixo da Cama	Grupo Matrakaberta
Mansão Assombrada	Tia Lili
As Crianças e a Natureza	—
Tumba la Catumba	Eva Herz
O Cuidado com a Natureza	Cia. Laborarte
Baú de Histórias	Grupo Cirandeiros
Uma Avezinha Quase Gente	Tânia Loureiro
As Minhas Histórias e as Outras Histórias	Nyedja Gennari
João e Maria	Cia. Néia e Nando
O Mágico de Oz	Cia. Néia e Nando
Pedro e o Lobo	Cia. Néia e Nando
A Lenda da Yara	Cia. Néia e Nando
Alice no País das Maravilhas	Cia. Néia e Nando
Chapeuzinho Vermelho	Cia. Néia e Nando
Lobisomem	Cia. Néia e Nando
Saci Pererê	Cia. Néia e Nando
O Boto Cor-de-Rosa	Cia. Néia e Nando
O Curupira	Cia. Néia e Nando
A Roupa Nova do Imperador	Grupo Sopa de Teatro
Bem-vinda Primavera	Nyedja Gennari
Histórias para Revirar os Olhos	Nyedja Gennari
História de Maria Júlia	Cia. Néia e Nando
O Lobo Bom	Cia. Néia e Nando
A Grande Abóbora	Cia. Néia e Nando
O Besouro e o Prato	Grupo Cirandeiros
Pedro e Tina	Grupo Cirandeiros
A Pulga e a Lagarta	Grupo Cirandeiros
Eu Sou Mais Forte	Grupo Cirandeiros
Como é Bom Ser Criança	Nyedja Gennari
A Lebre e a Tartaruga	Cia. Néia e Nando
Histórias de Monteiro Lobato	Cia. Néia e Nando

Histórias da Vovó	Cia. Néia e Nando
A Lenda de São Nicolau	Cia. Néia e Nando
João e o Pé de Feijão	Cia. Néia e Nando
Os Três Porquinhos	Cia. Néia e Nando
A Roupas Nova do Rei	Cia. Burlesca
Os Três Coroados	Cia. Burlesca
Cinco Homens e Uma Carroça	Cia. Burlesca
A História da Guerra	Cia. Burlesca
Malaquias	Cia. Burlesca
O Macaco Cismado	Cia. Burlesca
A Ovelha de Lã Dourada	Cia. Burlesca
Baratinha, Fita no Cabelo e Dinheiro na Caixinha	Nyedja Gennari
Histórias Cheias de Amor	Nyedja Gennari
Entrando Numa Fria	Nyedja Gennari
A Cigarra e a Formiga	Cia. Néia e Nando
O Ratinho Namorador	Cia. Néia e Nando
Rumpelstiltskin	Grupo Sopa de Teatro
Histórias Juninas	Nyedja Gennari
O Príncipe e o Sapo	Grupo Sopa de Teatro
Menina Bonita do Laço de Fita	Grupo Matrakaberta
O Baú da Vovó	Cia. Néia e Nando
Flicts	Grupo Sopa de Teatro
Bonequinha de Pano	Grupo Sopa de Teatro
Revolta das Bonecas	Cia. Néia e Nando
Folcloriando, Histórias de Lá e de Cá	Nyedja Gennari
Borboleta Voadora	Cia. Néia e Nando
A Roupas Nova do Rei	Nyedja Gennari
Alice no Fundo das Águas	Vanessa Labarrere
Sítio do Pica Pau Amarelo	-
Menina Sara e os Bichinhos da Floresta	-
Deuses do Olimpo	Dad Squarisi
A Magia dos Brinquedos	-
A Leitura na Terra do Faz de Conta	-
A Lenda de Buda	Cia. Burlesca
Fadas Desencantadas	-
O Corvo e a Água	-
As Invenções de Visconde	-
O Rei Conta Hoje	Nyedja Gennari
A Grande Aula	Cia. Néia e Nando
Cinderela	Nyedja Gennari
Branca de Neve	Nyedja Gennari
Os Três Porquinhos	Nyedja Gennari
Contos de Natal	Nyedja Gennari
O Natal da Família Urso	Cia. Teatral Três Amiguinhos

Fonte: Jornal *Correio Braziliense*, 2010 a 2014.

O quadro é extenso, com muitos títulos, mas ele nos deixa entrever que muitos livros utilizados nas contações de história em espaços externos também são os que encontramos nas salas da Educação Infantil e nas bibliotecas e salas de aula do Ensino Fundamental, anos iniciais. Esta constatação é possível quando cotejamos os livros contemplados no quadro com os disponibilizados pelo Ministério da Educação – MEC às instituições de Educação Infantil, pelo Programa Nacional Biblioteca da Escola – PNBE. Segundo descrição feita no guia *PNBE na escola: Literatura Fora da Caixa* (2014),

[...] O objetivo do Ministério da Educação (MEC) sempre foi proporcionar aos alunos da rede pública o acesso a bens culturais que circulam socialmente, de forma a contribuir para o desenvolvimento das potencialidades dos leitores, favorecendo, assim, a inserção desses alunos na cultura letrada. No entanto, apenas o acesso aos livros não garante sua apropriação, sendo de fundamental importância a mediação do professor para a formação dos leitores. Mediar a leitura significa intervir para aproximar o leitor da obra e, nesse sentido, o trabalho do professor assume uma dimensão maior, uma vez que extrapola os limites do texto escrito, promovendo o resgate e a ampliação das experiências de vida dos alunos e do professor mediador. (BRASIL, 2014, p. 7).

O trecho trata da inserção dos leitores na cultura letrada e do papel de mediação do professor. Essa cultura letrada, que no programa do governo chega pelo livro de literatura infantil, coaduna com alguns enredos encontrados nas contações de história nos espaços externos à escola, no Distrito Federal. Por exemplo, quando se trata do folclore brasileiro, representado no quadro anterior pela lenda da Yara, Saci Pererê, Curupira e Boto Cor de Rosa, no PNBE aparece o título *Curupira, brinca comigo?*, Para a Educação Infantil, e *O Saci Epaminondas e O Detector de Sacis*, para o Ensino Fundamental.

Os títulos das contações de histórias, discriminadas no quadro, que trazem animais como personagens podem ser vislumbrados à luz do guia do PNBE, no item “Os bichos que vivem histórias”. O guia chama atenção para essa característica humana dada aos animais, chamada de antropomorfização.

Nas histórias da literatura infantil percebemos que as personagens/bichos muitas vezes permanecem em seu habitat, ou seja, um lago, uma floresta, bem como conservam as suas características físicas: focinho, rabo, nadadeiras, entre outras, para viverem situações humanas. (BRASIL, 2014, p. 35).

Com essa característica, é possível apontar os momentos de contação de histórias cujos títulos são: *Os Três Porquinhos*, *A Cigarra e a Formiga* e *Baratinha, Fita no Cabelo e Dinheiro na Caixinha*. Essas três histórias são conhecidas por muitas pessoas, mesmo mudando um trecho ou outro quando se conta. Ainda sobre os títulos envolvendo animais, mesmo que não com a característica da antropomorfização, na contação de história aparece *O Príncipe e o Sapo*, enquanto no PNBE, *Sapo Comilão*. O mesmo pode ser observado com o título *Borboleta Voadora*, que no PNBE aparece o livro *Borboletinha*.

Apenas em uma contação de história o título coincidiu com o livro indicado no PNBE: *Branca de Neve*. As divergências nos títulos, mas não na ocorrência de temas ou personagens, indica uma prática das companhias de contação de história e de contadores no Distrito Federal: criar histórias novas ou reorganizar enredos já conhecidos, trazendo aspectos ou características novas aos personagens.

Ao todo, dezoito companhias ou contadores de história são representados, relacionando o título da contação de história proferida. Desses, seis se destacam com mais de uma atuação: Grupo Matrakaberta (3); Grupo Sopa de Teatro (4); Grupo Cirandeiros (5); Cia. Burlesca (8); Nyedja Gennari (14) e Cia. Neia e Nando (25).

A pesquisa do grupo com maior incidência revelou ser este autointitulado em seu site como *Neia e Nando – Companhia de Teatro Infantil*. Um grupo que possui vinte anos de atuação e que, entre suas modalidades de atendimento⁷, conta ainda com a Contação de História, com a seguinte descrição:

Contar histórias enriquece o nosso mundo interior, além de desenvolver o hábito de ouvir, o prazer de ler e de despertar a criatividade, acumulando assim, conhecimentos importantes para nossa qualidade de vida. De maneira divertida e lúdica, a Néia e Nando trás para você, o serviço de “Contação de Histórias”, com um acervo bem variado entre contos e fábulas, com ajuda de personagens vivos, assim como, bonecos de fantoches a nossa contação vai abrilhantar o seu evento. (CIA. NEIA E NANDO, s/d).

Uma descrição empresarial, apesar da relação com o lúdico, o prazer da leitura, o divertimento. As companhias são contratadas para o oferecimento do serviço de contação de histórias, um atrativo do espaço – shopping, livrarias,

⁷ Curso de Teatro; Personagens para Eventos; Animação de Festa Infantil; Animação de Festa Adulta e Peças de Teatro em Eventos.

bibliotecas, bienais, feiras, etc., direcionado às crianças, mas que também vão acompanhadas pelos adultos, que podem ficar para a atividade ou deixam as crianças nesses “espaços de guarda segura”, enquanto circulam pelas proximidades.

É interessante destacar que, em nenhum momento da pesquisa na Hemeroteca, compareceu o ambiente hospitalar como espaço de contação de histórias. Essa atuação seria profícua, considerando as crianças e jovens que estão ali como pacientes e que precisam desses momentos de encantamento, imaginação e prazer que uma história bem narrada pode proporcionar.

Claudia Esteves (2008) relembra que a presença do pedagogo em hospitais já acontece no Brasil desde 1950, quando foi criada, no Hospital Menino de Jesus, no Rio de Janeiro, a primeira classe hospitalar. Segundo a autora:

Um dos objetivos da classe hospitalar, na área sócio-política, e o de defender o direito de toda criança e adolescente a cidadania, e o respeito às pessoas com necessidades educacionais especiais e no direito de cada um ter oportunidades iguais. (ESTEVES, 2008, p. 05).

De acordo com a citação acima, o atendimento pedagógico para as crianças que estão hospitalizadas, com o intuito de proporcionar a elas um espaço mais agradável e mais próximo do ambiente escolar, salienta a importância da contação de histórias nesse meio, para que essas crianças tenham um atendimento mais divertido e prazeroso. E, por meio do conto, o indivíduo ainda tem a possibilidade de trabalhar seus conflitos internos, como aponta Bettelheim (2009):

O conto de fadas é em grande parte o resultado de um conteúdo comum consciente, não de uma pessoa em particular, mas pelo consenso de várias a respeito daquilo que consideram problemas universais e do que aceitam como soluções desejáveis. Se todos esses elementos não estivessem presentes num conto de fadas, ele não seria recontado por gerações e gerações. Um conto só era recontado repetidamente, e ouvido com grande interesse, se satisfizesse as exigências conscientes e inconscientes de muitas pessoas. (BETTELHEIM, 2009, p. 52).

Com tudo, conseguimos perceber que a prática da contação de histórias, independentemente do lugar onde ela esteja sendo realizada, precisa estar de acordo com a realidade e necessidade dos contextos onde estão inseridas e o educador/professor/contador tem a missão de realizá-la da melhor forma, para que

realmente se tenha significado e resulte em uma aprendizagem, como reforça a citação a seguir:

Os educadores (as) devem buscar práticas curriculares mais abertas... e que estejam em consonância com a realidade e necessidades dos diferentes contextos, e que a construção dos saberes seja resultante de entrelaçamentos das diversas redes de conhecimento. (PEREIRA, 2006, p.21).

As “redes de conhecimento”, tecidas em uma contação de história bem-feita, fará parte da vida do indivíduo e dará subsídios para diversas contextualizações.

2.2. Orientação oficial e o momento de escutar história na Educação Infantil

O que suscita o presente subitem é a seguinte pergunta: o que as orientações oficiais trazem sobre a contação de história no Brasil e, em específico, no Distrito Federal? E, a partir dessa, outra surge: qual a função esperada para o professor? No encontro dessas, optou-se por analisar as DCNEI, a BNCC e o Currículo em Movimento, do Distrito Federal.

Aproveitou-se ainda para entender o que as Diretrizes Curriculares do Curso de Pedagogia apontam sobre a função do pedagogo. Segundo o documento, o pedagogo pode ter participação na organização e gestão de sistemas e instituições de ensino, que engloba planejamento, execução, coordenação, acompanhamento e avaliação de projetos. Demonstra que grande parte dos cursos de Pedagogia tem como objetivo centrar a formação de profissionais que são capazes de exercer a docência tanto na Educação Infantil quanto nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Nesse sentido, o pedagogo está, em tese, capacitado para desenvolver atividades envolvendo a literatura infantil, talvez até mesmo utilizando a contação de histórias como um recurso.

A BNCC é um documento de caráter normativo que define as aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo da Educação Básica e ela também informa que a Educação Infantil é o início do processo educacional, que durante as últimas décadas se consolidou a concepção que vincula cuidar e educar, entendendo o cuidado como algo indissociável do processo educativo. Características essas retomadas das DCNEI. A BNCC ainda menciona alguns direitos de aprendizagem e desenvolvimento nessa modalidade de ensino, como:

conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se. Aborda ainda a intencionalidade educativa nas ações que o educador deve ter para que a criança consiga se desenvolver dentro dos seus direitos, como explica o trecho abaixo.

Essa intencionalidade consiste na organização e proposição, pelo educador, de experiências que permitam às crianças conhecer a si e ao outro e de conhecer e compreender as relações com a natureza, com a cultura e com a produção científica, que se traduzem nas práticas de cuidados pessoais (alimentar-se, vestir-se, higienizar-se), nas brincadeiras, nas experimentações com materiais variados, na aproximação com a literatura e no encontro com as pessoas. (BRASIL, BNCC, 2017, p. 39).

Já nas DCNEI, o professor aparece dentro do processo coletivo de elaboração da proposta pedagógica ou projeto político pedagógico, onde são definidas as metas pretendidas para a aprendizagem e desenvolvimento das crianças, respeitando os princípios éticos, políticos e estéticos. Também conta com práticas pedagógicas que compõe a proposta curricular e tem como eixos norteadores as interações, as brincadeiras e garantir experiências diversas, dentre elas destaca-se o item a seguir, que se relaciona com a contação de histórias, “possibilitem às crianças experiências de narrativas, de apreciação e interação com a linguagem oral e escrita, e convívio com diferentes suportes e gêneros textuais orais e escritos” (BRASIL, 2009, p.25)

Por fim, temos o Currículo em Movimento, que é um documento da Secretaria de Educação do Distrito Federal, que evidencia uma direção curricular para as etapas de ensino, visando uma gestão democrática do Sistema de Ensino Público do Distrito Federal.

O Currículo em movimento é um documento a ser permanentemente avaliado e significado a partir de concepções e práticas empreendidas por cada um e cada uma no contexto concreto das escolas e das salas de aula da rede pública e particular de ensino. (BRASIL, 2018, p. 20).

Ao analisar o Currículo em Movimento, foi possível identificar a existência da Plenarinha, que tem como principal objetivo fortalecer o protagonismo da primeira infância, incluindo a opinião e participação das crianças na elaboração do documento, por meio da escuta sensível das crianças. A primeira Plenarinha da Educação Infantil aconteceu em 2013 (BRASIL, 2019, p. 10).

A Plenarilha VII de abril de 2019, *Brincando e Encantando com Histórias*, entra em diálogo com o tema desse trabalho, que é a contação de histórias na Educação Infantil, com isso a relevância de explorar esse documento.

O tema de cada ano é escolhido por meio de uma votação das unidades escolares, e em 2019, o tema escolhido foi “Brincando e Encantando com Histórias”, com o foco no universo do brincar. Como descreve o trecho abaixo:

Contar histórias é, também, uma brincadeira. É entrega à fantasia, à imaginação e à criação. A literatura para bebês, crianças bem pequenas, crianças pequenas e para as crianças que vivenciam a transição para o Ensino Fundamental, é considerada por muitos autores como um ato de brincar. Pois, as crianças se envolvem com a contação de histórias, com o formato dos livros e com suas imagens e cores, entre outras vivências. (BRASIL, 2019, p. 11).

Para a elaboração do Currículo em Movimento, foi necessário um diálogo com outros documentos, como as DNCEI e a BNCC, que tratam dos princípios éticos, políticos e estéticos, presentes na Educação Infantil.

Esse olhar para as potencialidades das crianças manifesta o compromisso com a promoção de uma educação de qualidade voltada para assegurar os direitos de aprendizagem e desenvolvimento expressos no Currículo em Movimento do Distrito Federal – Educação Infantil. (BRASIL, 2019, p. 10).

O documento Plenarilha VII se apoia em uma base teórica, que contém o contexto histórico da contação de histórias, a importância da prática para o desenvolvimento das crianças, técnicas, recursos e estratégias para a realização de uma boa contação. Isso se aplica ao documento com base na divulgação do curso de formação continuada “A Arte de Contar Histórias”, Curso EAPE- 15 anos (2019), onde surgiu a demanda de formação continuada de professores da rede pública, em uma perspectiva de incentivo à leitura (BRASIL, 2019).

2.3. A contação de história e a prática docente

Como explicitado no início deste capítulo, apesar do foco central desta pesquisa não ser a prática docente, surgiu a oportunidade de sondar algumas professoras de uma instituição privada de Educação Infantil, localizada na Asa

Norte, no Distrito Federal. O objetivo foi identificar: como as professoras têm acesso a contação de histórias, se utilizam esse recurso no seu cotidiano e como fazem isso. Dessa forma, é possível traçar um primeiro perfil do contador de histórias no ambiente escolar, relacionando as respostas obtidas na entrevista à teoria estudada, podendo perceber como a prática acontece de fato.

Para isso, foi aplicado um questionário, por meio do *Google Forms*⁸. O questionário foi enviado para 14 (quatorze) professoras, porém foram obtidas doze respostas. A intenção de aplicar as entrevistas apenas com as professoras foi pelo fato da função que é atribuída a professora, no que se relaciona ao planejamento das atividades, reuniões de coordenação e também de estar a frente da turma, as educadoras opinam no desenvolvimento do planejamento informalmente, por meio de conversas e atuam com uma função de auxiliar para que esse planejamento aconteça junto com a questão dos cuidados pessoais com as crianças.

A instituição onde a entrevista foi aplicada atende crianças na creche e na pré-escola, dos quatro meses a cinco anos de idade. É localizada na Asa Norte (DF), SGAN Quadra 608, recebe crianças de classe média alta, que em maioria moram nas proximidades, Asa Norte e Asa Sul. A instituição conta com uma equipe grande de funcionários e na etapa da creche, são oito professoras divididas entre treze salas, por meio de agrupamentos verticais, que se caracterizam pelo atendimento de crianças de uma faixa etária ampla, numa mesma sala, daí as siglas A.V 1, A.V 2 e A.V 3. Na pré-escola as salas são divididas em primeiro e segundo período e contam com quatro professoras. Além disso, tem a equipe de psicólogas, a equipe da pediatria e a equipe de nutrição, professoras de natação, dança, recreação, música, artes, judô e inglês. É um espaço amplo e bem dividido, três áreas externas com parques grandes e área verde.

Analisando o Projeto Político-Pedagógico – PPP da escola, elaborado pela diretora em setembro de 2008, percebe-se que não tem nenhuma menção sobre a contação de histórias em si. No entanto, é possível percebê-la em atividades que são exercidas pela função do professor e/ou educador. Dentre os objetivos propostos para o desenvolvimento integral das crianças, o tópico “utilizar diferentes linguagens (corporal, musical, plástica, oral e escrita), ajustadas as diferentes

⁸ Explicando rapidamente, é uma ferramenta online que permite a elaboração de formulários e aplicação do mesmo de uma forma mais simples, acessando o site e enviando para as pessoas que irão responder.

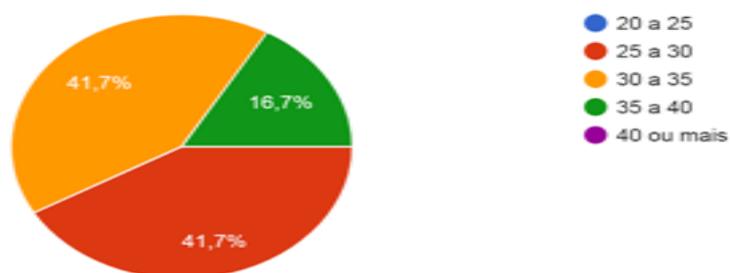
intenções e situações de comunicação”, se relaciona diretamente as atividades que envolvem a contação, seja feita pela professora (pedagoga) seja ela feita pelos professores das aulas extras, como artes e música. Além dos deveres como professor, de planejar e elaborar os estudos, sugerir e coordenar atividades pedagógicas necessárias ao desenvolvimento das crianças.

As entrevistas foram fundamentais para o embasamento teórico discutido nesse trabalho, pois trouxeram um pouco da vivência de professoras sobre o dia a dia relacionado ao tema. Com isso, a pesquisa conta com doze respostas, onde serão utilizados nomes fictícios para cada uma das professoras.

Todas as professoras têm formação em Pedagogia, sendo que a mais antiga se formou em 2005 e a mais recente em 2017. A Pedagogia é um requisito básico para ser professor nessa instituição. É pertinente destacar que, embora a LDB recomende a formação de professores em nível superior, o curso de Magistério, de nível médio, ainda é aceito na Educação infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental⁹. O atual Plano Nacional de Educação – PNE prevê que todos os professores da Educação Básica, até 2020, tenham formação específica de nível superior em curso de licenciatura, na área de conhecimento em que atuam.

Tanto na creche quanto na Educação Infantil nessa instituição, todos os funcionários que estão em sala de aula, ou são formados ou estão concluindo seu curso superior. Apenas uma das professoras mencionou ter pós-graduação em neuropsicopedagogia. O gráfico abaixo mostra uma média das idades das professoras:

Gráfico 1: Idade das professoras de Educação Infantil



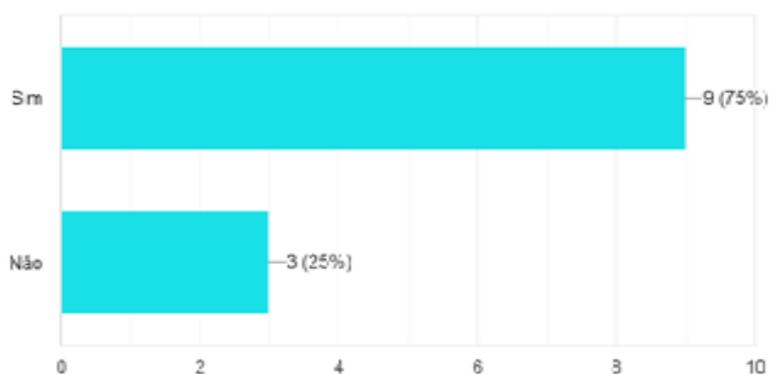
Fonte: Questões formuladas pela pesquisadora. Aplicativo *Google Forms*, 2019.

⁹ Seguindo o disposto no art. 62º da LDB 9.394/96, “a formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura plena, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nos cinco primeiros anos do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade normal” (Redação dada pela lei nº 13.415, de 2017).

Como é possível identificar, a faixa etária compreende dos 25 até os 40 anos, o que nos permite aferir que exista uma troca de experiência, no convívio profissional cotidiano, entre professoras com maior tempo de atuação na docência e outras que estão começando recentemente. Essa troca de experiências, quando ocorre, permite a não incidência da oposição entre os docentes e especialistas, “costumeiramente dissimulada em suas relações de trabalho” (NOVAES, 1982, p. 90).

A seguir, os gráficos apontam se as professoras tiveram contato com a contação de histórias durante a formação acadêmica e continuada, por meio das perguntas que foram feitas.

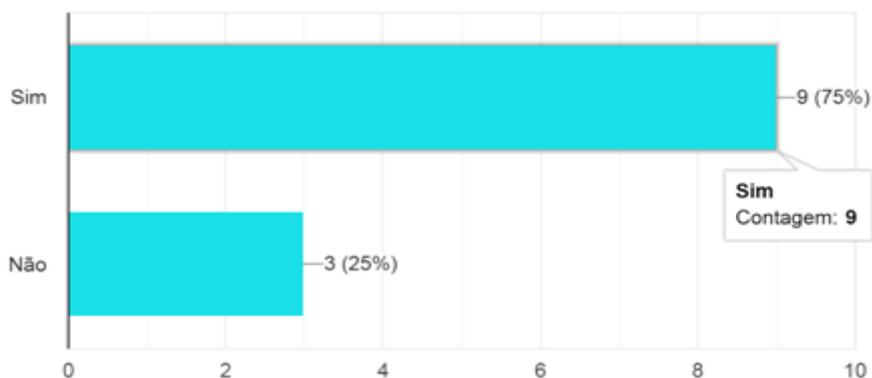
Gráfico 2: Contação de Histórias na Formação das Professoras



Fonte: Questões formuladas pela pesquisadora. Aplicativo *Google Forms*, 2019.

Dentre as respostas, nove pessoas afirmam ter momentos específicos que abordavam a contação de histórias durante a sua formação acadêmica ou continuada, estes são realizados por meio de cursos de extensão online ou presencial, algumas fizeram relação com cursos online disponíveis na internet, o que veio refletir na atuação como professora, na forma de preparar uma contação e os momentos onde ela está presente. Como mostra o gráfico a seguir:

Gráfico 3: Cursos de Formação Continuada Relacionados à Contação de Histórias



Fonte: Questões formuladas pela pesquisadora. Aplicativo *Google Forms*, 2019.

No questionário, foi feita uma pergunta discursiva, quando as professoras, com suas palavras, responderam à pergunta a seguir: “Como você se organiza para uma contação de história? Em quais momentos faz a contação e que recursos você tem disponível? Está no seu planejamento?” A seguir, temos a análise de algumas das respostas que foram obtidas, que conversam com a base teórica.

Professora A: Gosto de planejar uma história antes seja com o recurso de livros, fantoches ou algum recurso visual (figuras/vestimentas). Está sempre presente em meus planejamentos, a cotação de história, por acreditar ser uma ferramenta indispensável na formação infantil.

Professora B: Primeiramente, observo quais os materiais disponíveis e que tipo de história quero contar, a contação de história é feita no decorrer da rodinha com as crianças, após falarmos do projeto da semana, temos vários recursos disponíveis (Fantoches, livros, quadros criativos, caixa de sombras e etc. A contação de histórias está no planejamento diário. (PROFESSORA A e B, 30/06/2019).

Conforme as duas respostas acima, pode-se entender que a contação de histórias está presente no cotidiano e no planejamento dessas professoras, além dos recursos mencionados que Ostetto (2016) e Abramovich (1995) destacam sobre a importância da utilização durante esse momento e também Ribeiro (2010) que fala dos recursos utilizados além dos livros, como fantoches e teatro de sombras.

Professora C: A contação de Histórias em sala de aula sempre é feita a partir do interesse dos alunos relacionado ao nível de concentração com materiais como fantoches, objetos relacionados a história apresentada, dramatização, muita linguagem corporal além

dos livros, é claro, sempre levando em conta a capacidade de cada um objetivando o desenvolvimento cognitivo, afetivo e motor.

Professora D: Faço a contação como forma de abordar o projeto trabalho na semana. Separamos um momento diariamente para que isso aconteça. Normalmente usamos a contação de histórias, também para acalmar uma sala com crianças agitadas, pois elas têm um enorme interesse pelo momento. Parto da ideia central da história e vou conduzindo-a de maneira que passe por fatos, objetos ou palavras que são do conhecimento deles. A mesma história é contada de várias formas ou usamos os personagens para contar uma outra história. Algumas vezes utilizo fantoches ou incluo as crianças na história ou algo que elas estejam usando. (PROFESSORA C e D, 30/06/2019).

As professoras C e D, dão ênfase no interesse dos alunos, que relacionam aos projetos trabalhados semanalmente, com isso é possível inferir que elas utilizam a contação de histórias a partir de um conhecimento prévio, que quando as crianças já sabem alguma coisa sobre o assunto, isso funciona como uma motivação para despertar o interesse pela história. Coelho (1999) fala que é preciso abrir um espaço para uma conversa inicial antes da contação e Abramovich (1995) completa falando sobre o conhecimento prévio dos ouvintes e também sobre conhecer o grupo. Assim, como a Professora E, que pensa na faixa etária das crianças e no conteúdo da história, para que possa ser uma história interessante para quem está ouvindo e consiga prender a atenção deles durante esse momento.

A professora D ainda menciona a contação de história como uma forma de acalmar as crianças no momento em que elas estão agitadas. Nesse momento, foi pensado se esse seria mesmo um objetivo da contação de história, pois geralmente, quando se usa esse método para acalmar as crianças nos momentos de agitação, essas histórias não estão sendo planejadas. Isso implica na forma como a criança vai interpretar esse momento. E de acordo com a fundamentação teórica, que fala sobre esse planejamento, afirmo de que as histórias sejam proveitosas, o que acontece nesse caso é mais uma forma de distração.

Professora E: Ao escolher o livro observo o conteúdo da história para a faixa etária. Utilizo como recurso a caixa de sombra, fantoche, música, expressões e vozes. Sempre que possível relaciono o tema do projeto com uma história para a ampliação do vocabulário e estimulação da criatividade das crianças.

Professora F: Primeiro organizo a turma, preparo as crianças para que estejam calmas e atentas. Procuo conhecer a história, não gosto de ler, então acho importante um “improviso” para interagir com a criança. Gosto de usar fantoches, fantasias e objetos que

chamam atenção para minha faixa etária, porém nem sempre consigo esses materiais e uso somente a entonação de voz e criatividade. Coloco no meu planejamento sim a hora do conto que faz parte da rodinha, porém, de acordo com a necessidade da turma que gosta muito de livros e histórias, conto mais de uma vez mesmo não fazendo parte do planejamento. (PROFESSORA E e F, 30/06/2019).

Ao analisar as respostas, percebemos que a maioria das professoras realiza a contação de histórias no momento da rodinha. Abramovich (1995) e Ramos (2011) ressaltam o espaço para esse momento, na formação de uma roda, a fim de que as crianças fiquem confortáveis para escutar e prestar atenção. Abramovich (1995) e Rodrigues (2005) indicam ainda que esses momentos incentivam a leitura e o hábito de ler, com a intenção de que os pequenos desenvolvam o gosto pela leitura por meio da prática diária, que é o que tem acontecido na prática dessas professoras.

Percebe-se que as respostas obtidas têm relação direta com a teoria estudada, mesmo que uma das professoras não utilize todas as técnicas e recursos, o que não é uma regra, pelo menos algumas das estratégias estão sendo aplicadas nesses momentos.

CONCLUSÃO

Ao explorar a contação de histórias na Educação Infantil, foi possível perceber o quanto ela está presente dentro e fora do ambiente escolar. Partindo da pergunta inicial – quais são os lugares de contação de histórias no Distrito Federal, considerando a indicação feita nas páginas do jornal *Correio Braziliense*? – foi possível realizar a investigação no jornal *Correio Braziliense*, localizando os locais que foram apontados durante o período escolhido, saber quais foram os contadores que estavam presentes nesses momentos e as histórias que foram contadas.

Foi possível perceber que os locais onde a contação de história mais comparece são nos Shoppings, Pátio Brasil, Boulevard e Terraço, na Biblioteca Demonstrativa de Brasília e em livrarias. Com o questionário aplicado, as professoras entrevistadas demonstraram estar em contato direto com a contação de histórias, utilizando essa prática no cotidiano, com as técnicas e recursos que foram apontados na base teórica, com isso, a prática pedagógica delas, na Educação Infantil, relacionou-se com a discussão feita, em sua maioria.

Os objetivos específicos foram alcançados, com a realização da análise da bibliografia que trata da contação de histórias da Educação Infantil e os espaços em que ela acontece. Para isso, houve uma descrição do assunto no primeiro capítulo, que tratou do contexto histórico, das técnicas e recursos utilizados durante uma contação, o papel do professor como contador e a identificação de como que se configura essa prática no Distrito Federal. Em relação aos locais não escolares de contação de história, foi por meio da Hemeroteca Digital Brasileira, que os espaços apontados no jornal *Correio Braziliense* foram localizados. Por fim, a partir do levantamento feito dos locais onde a contação aparece fora do ambiente escolar, foram listados as obras e os contadores.

É possível destacar que a contação de história é uma prática importante para o desenvolvimento da criança na Educação Infantil, pela oportunidade de proporcionar a fruição, a imaginação, o encantamento, a criatividade, o conhecimento de situações diversas e que acabam por auxiliar a criança na relação que trava com o mundo à sua volta. No entanto, apesar dos referenciais teóricos desenvolverem o tema quase que prioritariamente na sua relação com a educação

da criança em espaço formal educativo, há uma discussão que também aponta para os espaços informais, fora das instituições de ensino.

Nesse sentido, o jornal *Correio Braziliense*, demonstrou ser uma importante fonte de pesquisa, pois nele encontramos uma circulação de indicações aos pais e responsáveis de espaços, no Distrito Federal, onde ocorreriam momentos de contação de história, voltados para as crianças. A pesquisa revela os nomes dos espaços e os títulos das histórias contadas, todavia, para além disso, ela desvela um entendimento de que à criança devem ser destinadas práticas específicas e diferenciadas de leitura e escuta de histórias, considerando as características específicas do tempo da infância e, mais, que a criança é um sujeito histórico, de direitos. A criança é protagonista nesses espaços, é para ela que foram pensados, ainda que em caráter muitas vezes comercial, considerando as livrarias, shoppings, etc.

A temática não se esgota, assim como os possíveis desdobramentos da pesquisa, que pode considerar, futuramente, outras especificidades desse atendimento nos espaços listados, bem como a busca pela atuação no ambiente hospitalar, que muito intrigou-me.

No mais, posso dizer que o tema foi relevante para a minha trajetória pessoal, por atuar na área com crianças pequenas e vivenciar isso em meu cotidiano. No campo da pesquisa, a contação de histórias é um tema muito abordado, porém ainda não se esgotou, existem muitas formas de trabalhar esse tema, visto que a área educação também está em constante desenvolvimento, com novas informações, abordagens e conteúdos.

Ao longo da jornada do curso de Pedagogia, existem muitas expectativas, medos e anseios, de decidir o que fazer após concluir essa etapa. A minha vontade é de continuar atuando na Educação Infantil, mas como professora regente. Apesar das dificuldades que encontramos ao atuar nessa área, é muito gratificante saber que podemos fazer a diferença com as crianças, principalmente nesse primeiro contato delas com a escola.

A escolha pela Educação Infantil foi feita a partir das experiências que adquiri durante os anos que passei na Universidade, relacionado às experiências práticas que obtive nos estágios com a teoria. A afinidade com a Educação Infantil me direcionou ao ambiente escolar e, conseqüentemente, à escolha do tema desse

trabalho de conclusão de curso, que confirmou o meu desejo de ser professora e também fez com que eu ampliasse o meu conhecimento sobre o assunto e aperfeiçoasse o meu trabalho na escola.

Pretendo dar continuidade aos meus estudos, mantendo-se em constante aprendizado. Começando por uma pós-graduação, para me especializar mais na área da educação infantil, que foi a área de atuação da Pedagogia em que mais me identifiquei no curso, ao ingressar na Faculdade de Educação já me imaginava atuando em uma escola e consegui atingir minhas expectativas em relação a isso.

Atualmente, trabalho em uma creche particular, onde fiz estágio e fui contratada como educadora durante o curso de Pedagogia. Antes dessa experiência, realizei o meu estágio obrigatório em uma escola pública, com isso, pude comparar as duas, percebendo que é na escola pública onde pretendo trabalhar. Futuramente, penso em me especializar para trabalhar como coordenadora ou orientadora educacional, após alguns anos sendo professora, a intenção é de sempre crescer profissionalmente e ocupar cargos mais altos. Para isso, compreendendo que apenas a graduação como formação é pouco.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: Gostosuras e bobices**. 5ª ed., São Paulo: Scipione, 1995.

ANJOS, Juarez José Tuchinski dos. A educação da criança pela família no século XIX: da historiografia a um problema de pesquisa. **Rev. Bras. Hist. Educ.**, Maringá-PR, v. 15, n. 1 (37), p. 51-81, jan./abr. 2015.

ARROYO, Leonardo. **Literatura Infantil Brasileira**. 3ª ed. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

BARBOSA, Maria Carmem Silveira; HORN, Maria da Graça Souza. Organização do espaço e do tempo na escola infantil. In: CRAIDY, C.; KAERCHER, G. E. (Orgs.). **Educação Infantil: pra que te quero?** Porto Alegre: ArtMed, 2001.

BERNARDINO, Andreza Dalla; SOUZA, Linete Oliveira de. *A contação de histórias como estratégia pedagógica na Educação Infantil e no Ensino Fundamental*. **Educare et educare – revista de educação**. São Paulo, v. 06, n. 12, p. 235-249, jul./dez. 2011. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/educereeteducare/article/view/4643/4891>>. Acesso em: jul. 2019.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. São Paulo: Paz e Terra S/A, 2009.

BIROLI, Flávia. **Correio Braziliense (verbete)**. Fundação Getúlio Vargas: CPDOC, s/d. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/correio-braziliense> Acesso em: 13 ago. 2019.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretária da Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Secretaria de Educação Fundamental - Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL, **PNBE na escola: literatura fora da caixa** / Ministério da Educação; elaborada pelo Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita da Universidade Federal de Minas Gerais. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2014.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Ministério da Educação. Brasília, DF: MEC, 2017. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>>. Acesso em: 20 ago. 2019.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB nº9.394/96**. Brasília: Senado Federal. Coordenação de Edições Técnicas, 2017. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/529732/lei_de_diretrizes_e_bases_1ed.pdf>. Acesso em: jun. 2019.

BRASIL. Parecer CNE/CEB 020/2009. Resolução CNE/CEB n. 5/2009. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília, DF: Conselho Nacional

de Educação; Câmara da Educação Básica, 2009. Disponível em: <<http://ndi.ufsc.br/files/2012/02/Diretrizes-Curriculares-para-a-E-I.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2019.

BRASIL. Portaria nº 176, de 18 de outubro de 2016. Diário Oficial do Distrito Federal (DODF), nº 31, 19/10/2016. COSTA, Luciellen de Castro. **Contando e Recontando os novos espaços**: A contação de histórias como ferramenta para falar sobre assuntos pertinentes da vida urbana contemporânea.

BRASIL. Secretaria de Educação do Estado do Distrito Federal. **Currículo em Movimento da Educação Básica**. 2ª ed. Atualizada. 2018. Disponível em: <<http://www.se.df.gov.br/curriculo-em-movimento-da-educacao-basica-2>>. Acesso em: jun. 2019.

BRASIL. Secretaria de Educação do Estado do Distrito Federal. **VII Plenarilha – brincando e encantando com histórias**. Brasília, 2019. Disponível em: <http://www.se.df.gov.br/wp-conteudo/uploads/2018/02/VIIPlenarilha_SEEDF.pdf>. Acesso em: jun. 2019.

BUSATTO, Cléo. Contar e Encantar: **Pequenos segredos da narrativa**. 8ª ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

CAVALCANTI, Joana. **Caminhos da literatura infantil e juvenil**: dinâmicas e vivências na ação. São Paulo: Paulus, 2002.

CIA NEIA E NANDO. Contação de Histórias. Disponível em: <<http://www.neiaenando.com.br/contacaodehistorias/>>. Acesso em: 27 ago. 2019.

COELHO, Bethy. **Contar histórias: uma arte sem idade**. São Paulo: Ática, 1999.

CORREIO BRAZILIENSE. **A arte de contar histórias**. Publicado em 27/05/2013. Disponível em: <https://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/euestudante/ensino_educacaobasica/2013/05/27/ensino_educacaobasica_interna,368122/a-arte-de-contar-historias.shtml>. Acesso em: jul. 2019.

CORREIO BRAZILIENSE. **Contadores de histórias encantam gerações e incentivam à leitura**. Publicado em 22/06/2010. Disponível em: <https://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/diversao-earte/2010/06/22/interna_diversao_arte,198791/contadores-de-historias-encantam-geracoes-e-incentivam-a-leitura.shtml>. Acesso em: 20 ago. 2019.

CORREIO BRAZILIENSE. **Senta, que lá vem história**. Publicado em 02/05/2014. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028274_06&PagFis=121764&Pesq=conta%20de%20hist%20rias>. Acesso em: jul. 2019.

DARNTON, Robert. **O beijo de lamourette**: mídia, cultura e revolução. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DIVIRTA-SE MAIS. Contadoras de história apresentam projeto na Biblioteca Nacional. Publicado em 07/12/2013. Disponível em: https://df.divirtasemais.com.br/app/noticia/programese/2013/12/07/noticia_programese,145867/contadoras-de-historia-se-apresentam-projeto-na-biblioteca-nacional.shtml Acessado em 20 de julho de 2019.

ESTEVES, C. R. **Pedagogia hospitalar**: um breve histórico, 2008. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/1882530-Pedagogia-hospitalar-um-breve-historico.html>>. Acesso em: 24 ago. 2019.

FARIA, Maria Alice. **Como usar a literatura infantil em sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2010.

FLECK, Felícia de Oliveira. CUNHA, Miriam Vieira da. *Contar histórias na biblioteca: relatos de contadores do sul do Brasil*. **XVIII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – Enancib 2017**. GT-6 – Informação, Educação e Trabalho, 23 a 27 de outubro de 2017.

GARCIA, Walkiria et al. **Baú do Professor**. Belo Horizonte: Fapi, 2003

GIL, Antônio Carlos, 1946. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros** – Verdadeiro, falso, fictício. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar e Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GOBBI, Márcia. A. *Múltiplas linguagens de meninos e meninas e a educação infantil*. **Anais do I Seminário Nacional: currículo em movimento** – Perspectivas Atuais Belo Horizonte, novembro de 2010, pp. 1-21.

GROSSI, Maria Elisa de Araújo. **Contação de História (verbete)**. Glossário Ceale. Termos de Alfabetização, Leitura e Escrita para educadores. ISBN: 978-85-8007-079-8, s/d. Disponível em: <<http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/contacao-de-historias>>. Acesso em: 09 jul. 2019.

JORNAL DE BRASÍLIA. **Projeto de contação de histórias diverte e ensina crianças de escolas públicas do DF**. Escrito por Gláucia Cardoso. Publicado em 15/08/2017. Disponível em: <<https://jornaldebrasil.com.br/cidades/projeto-de-contacao-de-historias-diverte-e-ensina-criancas-de-escolas-publicas-do-df/>>. Acesso em: 20 jul. 2019.

LAKATOS, E. M. & MARCONI, M. A. **Metodologia científica**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LEONTIEV, A. **O desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa: Livros Horizonte, 1978.

MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tânia Regina. **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.

MEDEIROS, Fábio H. N., MORAES, Taiza M. R. **Contação de histórias**: tradição, poéticas e interfaces. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2015.

MEDEL, Cássia Ravena Mulin. **Educação infantil: da Construção do Ambiente Às Práticas Pedagógicas**. 4ª ed. Brasília: Vozes, 2014.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. *Apresentação à terceira edição (2011)*. In: **Literatura infantil brasileira**. Leonardo Arroyo. 3ª ed. Revisada e ampliada. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

MOTA, Márcia Elia da. *Psicologia do desenvolvimento: uma perspectiva histórica*. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto, v. 13, n. 2, p. 105-111, dez. 2005. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2005000200003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 26 ago. 2019.

NOVAES, Maria Eliana. *Talentosa demais para ser professora*. **Educ. Rev.**, Curitiba, n. 2, p. 90-106, Dec. 1982. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40601982000100005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20 ago. 2019.

OSTETTO, Luciana. **Encontros e encantamentos na educação infantil**. 10ª ed. São Paulo: Papyrus, 2016.

PENNAC, Daniel. **Como um romance**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

PEREIRA, Maria Zuleide da Costa. MOURA, Arlete Pereira. **Políticas Educacionais e (Re) significações do currículo**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2006.

PROFESSORA A e B. **Questionário**. Como você se organiza para uma contação de história? Em quais momentos faz a contação e que recursos você tem disponível? Está no seu planejamento? Realizado em 30 de junho de 2019. (acervo pessoal)

PROFESSORA C e D. **Questionário**. Como você se organiza para uma contação de história? Em quais momentos faz a contação e que recursos você tem disponível? Está no seu planejamento? Realizado em 30 de junho de 2019. (acervo pessoal)

PROFESSORA E e F. **Questionário**. Como você se organiza para uma contação de história? Em quais momentos faz a contação e que recursos você tem disponível? Está no seu planejamento? Realizado em 30 de junho de 2019. (acervo pessoal)

RAMOS, Ana Cláudia. **Contação de histórias: um caminho para a formação de leitores?** Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade Estadual de Londrina, 2011.

RIBEIRO, Elisa. **A contribuição da contação de histórias para a aprendizagem na Educação Infantil**. Trabalho de Conclusão de Curso. Curitiba, 2010.

RODRIGUES, Edvânia Braz Teixeira. **Cultura, arte e contação de histórias**. Goiânia: Gwaya, 2005.

SANTOS, Ana Cláudia Tedesco dos; SOUZA, Anilda Machado de. *Contação de história no espaço não escolar*. **Revista e-Ped – FACOS / CNECO sório**, vol. 3 n. 1 – ago., 2013 – ISS n. 2237-7077. Disponível em:

<http://facos.edu.br/publicacoes/revistas/eped/agosto_2013/pdf/contacao_de_historia_no_espaco_nao_escolar.pdf>. Acesso em: jul. 2019.

SILVA, Márcia Maria e. **O que dizem as pesquisas sobre o encontro entre crianças e literatura na escola?** GT07 - Educação de Crianças de 0 a 6 anos – Trabalho 291/ UFF, 2017.

SOUZA, Gizele de. **Currículo para os pequenos: o espaço em discussão!** **Educ. rev.**, Curitiba, n. 17, p. 79-99, 2001.

TAHAN, Malba. **A Arte de ler e contar histórias**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Conquista, 1961.

TAHAN, Malba. *Literatura Infantil/Juvenil*. São Paulo: Scipione, 1960.

ZABALZA, Miguel A. **Qualidade em Educação Infantil**. Trad. Beatriz Affonso Neves. Porto Alegre, R.S.: Artmed, 1998.

APÊNDICE 1 – Questionário



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB

Faculdade de Educação – FE

Questionário

1. Nome: _____

2. Formação e Ano:

3. Idade:

() 20 a 25 anos

() 25 a 30 anos

() 30 a 35 anos

() 35 a 40 anos

() 40 anos ou mais

4. Na sua formação acadêmica ou continuada teve algum momento específico sobre contação de história?

() Sim

() Não

5. Já fez algum curso relacionado a esse assunto?

() Sim

() Não

6. Como você se organiza para uma contação de história? Em quais momentos faz a contação e que recursos você tem disponível? Está no seu planejamento?
